

ANAIIS

IV COLÓQUIO INTERNACIONAL MUSEUS E MEMORIAIS
DO/SOBRE O HOLOCAUSTO EM (DIS)CURSO:
EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Projeto

EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA

o Museu do Holocausto
como uma Luz sobre o caos



    PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS

Guarapuava, 2022



Organizadores
Maria Claudia Teixeira
Maria Cleci Venturini

ISSN 2526-0685

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

C719

Colóquio Internacional Museus e Memoriais do/sobre o Holocausto em (dis)curso (4. : 25-29 jul. 2022 : Guarapuava)

IV Colóquio... : Educação, História e Memória [formato digital] / Organizado por Maria Claudia Teixeira, Maria Cleci Venturini. -- Guarapuava, 2022.

103 p.

ISSN 2526-0685

Endereço eletrônico:

<https://evento.unicentro.br/site/coloquiomuseus/2022/1>

Bibliografia

1. Letras. 2. Análise do discurso. 3. História. 4. Museus. 5. Holocausto. I. Título.

CDD 410



COORDENAÇÃO GERAL

Maria Cleci Venturini
Maria Claudia Teixeira

REALIZAÇÃO

Estudos do Texto e do Discurso: Entrelaçamentos Teóricos e Analíticos (Grpesq/CNPQ – GPTD)

Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários (LABELL)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UNICENTRO)



APOIO

UNICENTRO, Museu do Holocausto (MH-Curitiba), Núcleo Regional de Educação (NRE-Guarapuava), Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), UFPR, UFMS, USP, UNISUL, UNICAMP, ULisboa, CPAES, CNPq, Fundação Araucária





COMISSÃO CIENTÍFICA

Adriana Cristina Bernardim (UNICENTRO)
Aline Venturini (IFPR)
Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO)
Daiane Corrêa da Silva (UFPR)
Débora Massmann (UFAL)
Denise Gabriel Witzel (UNICENTRO)
Gesualda dos Santos Rasia (UFPR)
Leandro Tafuri (UFPR)
Lucília Maria Abrahão e Sousa (USP-RP)
Margarita Correia (Universidade de Nova Lisboa – PT)
Maria Claudia Teixeira (UNICENTRO)
Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)
Marilda Lachovski (Label/UNICENTRO)
Nádia Neckel (UNISUL/UNICAMP)
Nilcéia Valdati (UNICENTRO)
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)
Terezinha Saldanha (UNICENTRO)
Verli Petri (UFSM)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Adilson Carlos Batista (UFPR)
Ana Raquel Fialho (UNICENTRO)
Cadmiel Pereira Santos (UNICENTRO)
Clara Emanuelle Pereira (UNICENTRO-IC)
Daiane Corrêa da Silva (UFPR)
Elenir Guerra (UNICENTRO)
Géssica Cappeloni (UFPR)
Gesualda dos Santos Rasia (UFPR)
Genival Jardel Trajano Teixeira
José Carlos Moreira (UFPR/UFSM)
Josiele Zewierzecoski (UNICENTRO)
Emily Smaha da Silva (UFPR)
Katielli Chaves Antunes (UNICENTRO)
Maria Claudia Teixeira (UNICENTRO)
Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)
Maria Juliane de Almeida (UNICENTRO)
Nathan Lerman (UNICENTRO/UFSC)
Nilcéia Valdati (UNICENTRO)
Paulo Ricardo do Prado (UNICENTRO-IC)
Raquel Baldissera (UNICENTRO)
Roziane Keila Grando (UNICENTRO)
Stefane Koop (UNICENTRO)
Suhaila Mehanna Schon (UFPR)
Verli Petri (UFSM)

Diagramação e Editoração

Maria Claudia Teixeira
Genival Jardel Trajano Teixeira

Revisão

Maria Claudia Teixeira



PROGRAMAÇÃO

25/07/2022	26/07/2022	27/07/2022	28/07/2022	29/07/2022
Manhã	Manhã	Manhã	Manhã	Manhã
<p>8h30-10h Simpósio I: A visibilidade/invisibilidade dos grupos emergentes durante o Holocausto</p> <p>Coordenadores: Suhaila Mehanna (UFPR) Daiane Corrêa (UFPR)</p> <p>10h15-12h Mesa-redonda I: Grupos vulneráveis: negros, mulheres e grupo LGBTQIA+</p> <p>Palestrantes: Leandro Tafuri (UFPR) Marilda Lachovski (Labell) Adilson Batista ((UFPR)</p> <p>Debatedora: Géssica Cappeloni (UFPR)</p>	<p>9h-11h Mesa-redonda II: Discurso, arte e mídia</p> <p>Palestrantes: Giovanna Benedetto Flores (Pesquisadora Independente) Nádia Neckel (UNISUL/UNICAMP) Emily Smaha da Silva (UFPR)</p> <p>Debatedora: Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO)</p>	<p>9h-11h Conferência Efeitos de resistência em discurso</p> <p>Lucília Maria Abrahão Sousa (USP-RP)</p> <p>Debatedora: Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)</p> <p>Apresentação do Projeto: Educação, Memória, História: o Holocausto como uma luz sobre o caos (SETI/USF), coordenado pela Prof. Dr. Maria Cleci Venturini</p>	<p>9h-11h Mesa-redonda III: Mulher: interdição e resistência</p> <p>Palestrantes: Débora Masmann (UFAL) Denise Gabriel Witzel (UNICENTRO)</p> <p>Debatedora: Ana Raquel Fialho (UNICENTRO)</p>	<p>9h-11h Mesa-redonda V: O combate à violência no espaço escolar por meio da linguagem: onde estamos? Para onde vamos?</p> <p>Palestrantes: Cláudia Maris Tullio (UNICENTRO) Luciana Fracassi Stefani (UNICENTRO) Cindy Mery Gavioli-Prestes (UNICENTRO)</p> <p>Debatedora: Stefane Koop</p> <p>Lançamento do Projeto Pesquisa Básica e Aplicada, coordenado pela Prof. Dr. Cristiane Malinoski Pianaro Angelo</p>
Tarde	Tarde	Tarde	Tarde	Tarde
<p>13h30-17h</p> <p>Conferência e visita ao Centro de Documentação</p> <p>Arquivo histórico e Centro de Documentação da Unicentro</p> <p>Terezinha Saldanha (UNICENTRO)</p> <p>Lançamento do Projeto Pesquisa Básica e Aplicada, coordenado pela Prof. Dr. Loremi Loregian-Penkall (UNICENTRO)</p>	<p>14h-17h</p> <p>Apresentação de Comunicações</p> <p>Coordenadoras: Elenir Guerra (UNICENTRO) Raquel Baldissera (UNICENTRO)</p>	<p>14h-16h Simpósio II: Educação, violência e discriminação: como abordar?</p> <p>Coordenadoras: Roziane Keila Grandó (UNICENTRO) Stefane Koop (UNICENTRO)</p>	<p>13h30-17h Conferência Bajubá/Pajuba: de linguajar popular a Museu online</p> <p>Verli Petri (UFSM)</p> <p>Debatedora: Géssica Cappeloni (UFPR)</p> <p>Lançamento do Projeto Universal coordenado pela Prof. Dr. Gesualda dos Santos Rasia (UFPR)</p>	<p>Visita livre à exposição</p> <p>“Faces of Auschwitz e Escravidão no Brasil” Aberta ao público desde 29/06/2022 e acontecendo concomitante ao evento, guiada pelos bolsistas do projeto “Educação, Memória, História: o Holocausto como uma luz sobre o caos” (SETI/USF), até 29/07/2022</p>
Noite	Noite	Noite	Noite	Noite
<p>19h-20h Cerimonial de abertura</p> <p>20h-22h30 Conferência de abertura Nós, dentre os outros: falas pretas como sutura da memória</p> <p>Gesualda dos Santos Rasia (UFPR)</p> <p>Debatedora: Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)</p> <p>Lançamento do Projeto Universal coordenado pela Prof. Dr. Verli Petri (UFSM)</p>	<p>19h-22h Conferência Para pensar o Holocausto: nossos recortes</p> <p>Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)</p> <p>Debatedora: Célia Bassuma Fernandes (UNICENTRO)</p> <p>Lançamento do Projeto Pesquisa Básica e Aplicada, coordenado pela Prof. Dr. Maria Cleci Venturini (UNICENTRO)</p>	<p>19h30-22h30 Conferência O lugar das mulheres na literatura paranaense</p> <p>Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO)</p> <p>Debatedora: Ana Raquel Fialho (UNICENTRO)</p>	<p>19h-22h Mesa-redonda IV: Arte e resistência</p> <p>Palestrantes: Emanuelle Queiroz (UNICENTRO) Nilcéia Valdati (UNICENTRO) Aline Venturini (IFPR)</p> <p>Debatedora: Adriana Bernardim (UNICENTRO)</p>	<p>19h-22h Conferência de encerramento Dizer para entender: nomear para não esquecer</p> <p>Margarita Correia (Universidade de Nova Lisboa – PT)</p> <p>Debatedoras: Verli Petri (UFSM) Maria Cleci Venturini</p>

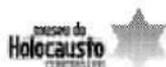
*Nos dias 19, 20 e 21 de setembro ocorreu a última atividade do evento, o curso presencial “Palavras no dicionário”, ministrado pelos professores Margarita Correia (ULisboa), José Horta Nunes (UNICAMP) e Verli Petri (UFSM).



EXPOSIÇÃO FACES OF AUSCHWITZ E ESCRAVIDÃO NO BRASIL

A partir de 29 de junho,
em Guarapuava
Rua Padre Salvatore Renna, 875,
no Salão Cultural

Horários de visitação
De segunda a sexta-feira.
Pela manhã, das 8h às 12h.
À tarde, das 13h30 às 20h.



Professores e Colégios participantes (com agendamento para visitação)

Docente	Colégio	No de estudantes
Karoline Veiga	Colégio Estadual Visconde de Guarapuava	80
Matilde Podolack	Colégio Estadual Leni Marlene Jacob	100
Salvador Alves de Souza	Colégio Estadual Visconde de Guarapuava	140
Marilda Lachovski	Colégio Estadual do Campo Antonia Ayres Antonichen (Reserva do Iguauçu)	40
Leandro Tafuri	Uniguairacá Centro Universitário (Curso de Pedagogia)	35
Leandro Tafuri	Colégio Guairacá	90
Daniel Donato Piaseck	Colégio Estadual Visconde de Guarapuava	280
Anselmo Pilatti/Adir Romitti	Colégio Estadual Cívico-Militar Edite Cordeiro Marques (Turvo)	40
Valéria Leite Vasconcelos	Colégio Estadual Cívico-Militar Edite Cordeiro Marques (Turvo)	90
Adriana Cristina Bernardim	CEEBJA Guarapuava	100
Maria Cleuci Probst	Colégio Estadual Leni Marlene Jacob	60
Priscilla Menezes	Colégio Estadual Luiz Andrade (Turvo)	50
Leo Brito	Colégio Estadual de Educação Profissional Arlindo Ribeiro	74
Nubiane Kailler dos Santos Coelho	Colégio Estadual Cívico-Militar Mahatma Gandhi	80

Coordenadores da exposição

Maria Cleci Venturini
Maria Claudia Teixeira
Nathan Henrique da Silva Lermen
Josiele Zevierzecoski
Clara Emanuelle Pereira
Paulo Ricardo do Prado
Maria Juliane de Almeida

Guias da visitação

Nathan Henrique da Silva Lermen
Josiele Zevierzecoski
Clara Emanuelle Pereira
Paulo Ricardo do Prado
Maria Juliane de Almeida

Colaboradores

Cadmiel Pereira dos Santos
Sarah Rafaeli Pereira



APRESENTAÇÃO

O *IV Colóquio Internacional Museus e Memoriais do/sobre o Holocausto em (dis)curso: Educação, História e Memória* teve como centro das discussões “lembrar para sempre” a partir da proposta de retomar historicamente o Holocausto. Além de aprofundar as parcerias já existentes entre UNICENTRO, UFPR, UFSM, UNISUL, UNICAMP, ULisboa, USP-RP, Museu do Holocausto de Curitiba e Núcleo Regional de Educação (NRE-Guarapuava), o evento oportunizou discussões em torno de Museus e arquivos e, especialmente nessa edição, sobre grupos vulneráveis que sofreram durante o Holocausto e continuam sendo vítimas de injustiças sociais e culturais.

O evento teve a culminância da exposição itinerante *Faces of Auschwitz e Escravidão no Brasil*, inédita no Brasil, que apresenta fotos digitalmente coloridas pela artista mineira, Marina Amaral. A exposição, composta por painéis com fotografias, texto curatorial e ficha técnica, ficou a cargo do Museu do Holocausto, que cedeu as artes e orientou sobre o expor, acompanhando o processo.

A exposição e o evento articulam-se ao projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos* (2021-2022), financiado pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), no subprograma Universidade Sem Fronteiras (USF), coordenado pela professora Maria Cleci Venturini.

Dada a relação entre essas três ações, organizamos esses anais em duas partes: a primeira apresenta o trajeto de atividades e pesquisas desenvolvidas no interior do projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, no qual se insere a exposição *Faces of Auschwitz e Escravidão no Brasil* e, na segunda, os resumos submetidos ao evento.

Desejamos uma excelente e proveitosa leitura.

As organizadoras.



SUMÁRIO

PARTE I

Construindo Memória – Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como ‘uma luz sobre o caos’* 11

Maria Cleci Venturini

Maria Claudia Teixeira

Nathan Henrique da Silva Lermen

Clara Emanuelle Pereira

Josiele Zevierzecoski

Maria Juliane de Almeida

Paulo Ricardo do Prado

PARTE II

RESUMO SIMPLES

Condições de formação/produção do Museu do Holocausto de Curitiba: “uma luz sobre o caos”.....53

Paulo Ricardo do Prado

Maria Cleci Venturini

Os museus e espaços memoriais da América Latina sobre o Holocausto em relação ao Museu do Holocausto de Curitiba.....55

Clara Emanuelle Pereira

Maria Cleci Venturini

A exposição *Feitos e Efeitos* (Museu do Holocausto, de Curitiba) e o efeito de sustentação.....56

Josiane Larissa Ramos Pinto

Maria Cleci Venturini

Testemunhar o Holocausto pelo dever-falar do vivido/sofrido.....58

Maria Cleci Venturini

Maria Claudia Teixeira

O Diário de Helga Weiss como testemunho do Holocausto.....60

Maria Juliane de Almeida

Maria Claudia Teixeira

A memória do Holocausto no Livro Didático e na Base Nacional Comum Curricular.....62

Josiele Zevierzecoski

Maria Cláudia Teixeira

Contradição e resistência no discurso sobre as polacas-júdias.....63

Raquel Baldissera

Maria Cleci Venturini

Memorial do Linchamento: a violência simbólica nos fios da memória e da história.....64

Marilda Aparecida Lachovski

Maria Claudia Teixeira

Mulheres e (in)submissão: a literatura de autoria feminina no Paraná.....65

Andriele Aparecida Heupa

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira



Uma análise discursiva dos processos de produção e efeitos de sentidos em pares de verbetes contidos no “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”.....	66
<i>Gabriela Gonçalves Ribeiro</i>	
<i>Verli Petri</i>	
Por entre sapatilhas e bordados: um imaginário sobre a prenda gaúcha.....	67
<i>Luana Vargas Aquino</i>	
<i>Verli Petri</i>	
Neoliberalismo e formação da subjetividade: a construção do sujeito empreendedor.....	68
<i>Stefane Katrini Koop</i>	
<i>Maria Cleci Venturini</i>	
RESUMOS DE TRABALHOS APRESENTADOS EM MESAS-REDONDAS	
A trajetória histórico-social e discursiva sobre a existência e resistência dos sujeitos LGBTQIA+: legitimação, silenciamentos, apagamentos ou desconstrução?.....	70
<i>Adilson Carlos Batista</i>	
<i>Maria Cleci Venturini</i>	
Dentre os vulneráveis, o sujeito homossexual no Museu do Holocausto de Buenos Aires.....	71
<i>Leandro Tafuri</i>	
<i>Maria Cleci Venturini</i>	
Nos deslimites entre passado e presente: o horror em cena.....	73
<i>Marilda Aparecida Lachovski</i>	
História e memória em (dis)curso no espetáculo Dura Mãe: a dança como resistência.....	74
<i>Aline Venturini</i>	
O combate à violência no espaço escolar por meio da linguagem: Onde estamos? Para onde vamos?.....	75
<i>Cindy Mery Gaviolli-Prestes</i>	
<i>Cláudia Maris Tullio</i>	
<i>Luciana Fracassi Stefaniu</i>	
RESUMO EXPANDIDO	
O lugar das mulheres na literatura de autoria feminina no Paraná.....	76
<i>Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira (*Resumo de Conferência)</i>	
As representações sociais e identitárias na obra cinematográfica <i>A garota da capa vermelha</i>.....	80
<i>Michele Teresinha Furtuoso</i>	
<i>Cláudia Maris Tullio</i>	
Fiona aprisionada: os discursos que constroem verdades e subjetividades a partir dos contos de fada.....	86
<i>Érika Adriely Müller Rodrigues</i>	
<i>Denise Gabriel Witzel</i>	
O acontecimento patrimonial significado e ressignificado pelo(s) sujeito(s) e os sentido(s).....	89
<i>Daiane Corrêa da Silva</i>	
<i>Maria Cleci Venturini</i>	
Ciclo de palestra V – Letras e Resistência: a extensão no curso de Letras EaD.....	94
<i>Cláudia Maris Tullio</i>	
A variação lexical no Atlas Linguístico do Paraná: uma análise das designações para “chuva”.....	98
<i>Daniele Rodighero Martins</i>	
<i>Sandra Mara da Silva Marques Mendes</i>	



PARTE I

IV COLÓQUIO INTERNACIONAL MUSEUS E MEMORIAIS
DO/SOBRE O HOLOCAUSTO EM (DIS)CURSO:
EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA





CONSTRUINDO MEMÓRIA

Projeto: Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma ‘Luz sobre o caos’”

Maria Cleci Venturini
Maria Claudia Teixeira
Nathan Henrique da Silva Lermen
Clara Emanuelle Pereira
Josiele Zevierzecoski
Maria Juliane de Almeida
Paulo Ricardo do Prado

O Projeto *Educação, memória e história: o Museu do Holocausto como uma ‘Luz sobre o caos’*, financiado pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), no subprograma Universidade Sem Fronteiras (USF), teve por objetivo realizar uma parceria entre a Unicentro, Núcleo Regional de Educação (NRE-Guarapuava) e o Museu do Holocausto, visando colaborar com a proposta educacional do Museu, mostrando que as grandes tragédias têm origem na desigualdade e na indiferença que provoca a exclusão e muitas vezes a morte de seres humanos, através de atividades que incluem diferentes materialidades discursivas, tais como: obras literárias, filmes, documentários, textos teóricos, e vídeos que deem visibilidade às minorias, reforçando a inclusão e a valorização das pessoas, ajudando-as a valorizarem seus semelhantes e a se valorizarem também. Acima de tudo, objetivamos mostrar como se pode, pelo trabalho na escola, junto aos professores e aos alunos, promover o bem estar e a inclusão.

O Museu do Holocausto, de Curitiba, coordenado por Carlos Reiss, objetiva “transmitir o Holocausto às próximas gerações” a partir de três eixos: memória, educação, pesquisa. Isso significa não tratar o museu como um lugar que ‘guarda’ memórias, mas como um lugar de pesquisa e que pela educação busca lançar uma “luz sobre o caos”, a parte de uma concepção teórica consciente e embasada que constrói a memória da Shoá. Reiss (2018, p. 15) destaca a necessidade de “compreender o caminho percorrido pela memória da Shoá”, visualizando como o genocídio será lembrado pelas gerações futuras. Essa visualização, de acordo com o autor, vai permitir ajustar essa memória fazendo correções de rota necessárias “para que a memória do Holocausto seja construída de forma mais consciente e justa possível para com todos os descendentes, sobreviventes e comunidades de seres humanos. Os idealizadores do projeto



veem a necessidade de que a memória da Shoá seja mais racional e menos instintiva e faça justiça ao legado deixado pelos descendentes.

Com a realização do projeto *Educação, memória e história: o Museu do Holocausto como uma 'Luz sobre o caos'*, idealizado e coordenado pela professora Maria Cleci Venturini, pudemos contribuir para a compreensão do caminho percorrido pela memória da Shoá, colaborando, assim, com o projeto educacional do Museu. Fazem parte da equipe executora do projeto os bolsistas: Maria Claudia Teixeira (orientadora); Nathan Henrique da Silva Lermen (recém-formado) e os graduandos, Clara Emanuelle Pereira, Josiele Zevierzecoski, Maria Juliane de Almeida e Paulo Ricardo do Prado.

Nossas ações durante o período de vigência do projeto (setembro/2021 a setembro/2022) estão descritas nesse texto, produzido para, primeiramente, construir uma memória do projeto. Desse modo, buscamos descrever os caminhos percorridos nesse trajeto que culminou no *IV Colóquio Internacional Museus e Memoriais do/sobre o Holocausto em (dis)curso: Educação, História e Memória* e representa o fechamento/encerramento do projeto em questão, mas sabemos, pela teoria materialista na qual nos inscrevemos, que

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível (ORLANDI, 2005, p. 52).

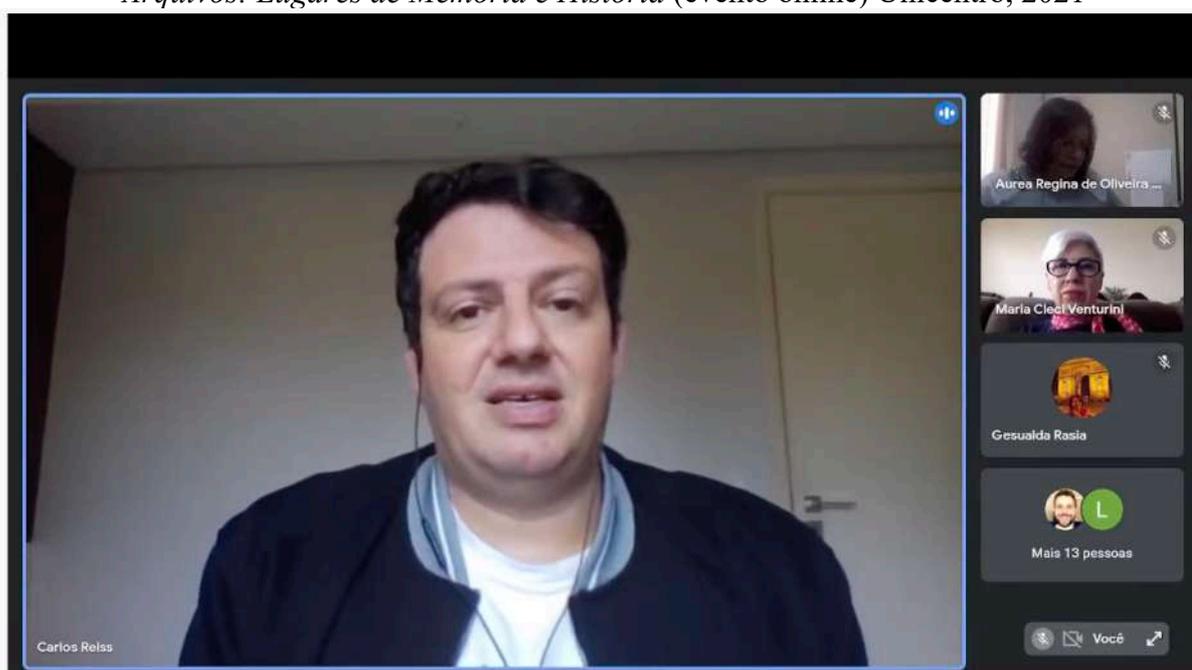
Assim, o que produzimos como memória tem um “efeito” de completude – pois há sempre algo que nos escapa –, de desfecho de um trajeto percorrido que não se finda com o encerramento do projeto, pois as nossas indagações e nossas preocupações em torno do Museu e do Holocausto continuarão emergindo. Nesse movimento de fazer memória, o leitor é conduzido pelos caminhos percorridos pela equipe até o ponto mais alto: a realização do evento concomitante à exposição itinerante.

Os percursos

No *III Colóquio Internacional Museus, Arquivos: Lugares de Memória e História* (09 a 11 de agosto de 2021), a professora Maria Cleci Venturini, coordenadora do evento e do projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, juntamente com a professora Maria Claudia Teixeira, coordenadora do evento e bolsista

orientadora do projeto, promoveram o lançamento do projeto, convidando o coordenador geral do Museu do Holocausto de Curitiba, Carlos Reiss, bem como a chefe do Núcleo de Educação de Guarapuava, professora Edil Aparecida Espínola para uma breve fala acerca da parceria Museu do Holocausto e Núcleo de Educação (NRE) com a Unicentro. A presença de Carlos Reiss representou a consolidação da parceria do Museu do Holocausto entre Unicentro, por meio do projeto. Infelizmente, a chefe do Núcleo Regional de Educação de Guarapuava não pode estar no evento, mas a parceria já havia sido firmada anteriormente, sendo que a professora Simone Cristina Katika Urbano, responsável pela Coordenação de Articulação Acadêmica (CAA) do NRE, foi banca avaliadora no processo de seleção dos bolsistas participantes do projeto.

Imagem 1: Carlos Reiss, no lançamento do Projeto no *III Colóquio Internacional Museus, Arquivos: Lugares de Memória e História* (evento online) Unicentro, 2021



Lançamentos

Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wiAOzu-T2DQ&t=453s> Acesso em: 28 set. 2022

Além disso, a professora Maria Cleci Venturini integrou a mesa-redonda intitulada “O espaço urbano: resistência e lutas sociais¹” e também fez parte, como mediadora, da

¹ A mesa-redonda pode ser assistida pelo canal do Labell no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=sbUejU9B4T4>



conferência de abertura, intitulada “Práticas curatoriais e montagens de arquivo: A disposição do material em análise de discurso” ministrada por Mara Ruth Glozman (Universidade de Buenos Aires)².

Neste evento, a bolsista Clara Emanuelle Pereira apresentou a pesquisa intitulada “Arquivo e testemunho de mulheres no Museu do Holocausto” e o bolsista Paulo Ricardo do Prado “Narratividade do Museu do Holocausto de Curitiba”, ambos sob orientação de Maria Cleci Venturini³.

Em setembro de 2021, aconteceu o primeiro encontro presencial da equipe executora do projeto, ainda em período pandêmico, no Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários (Labell), desde então a equipe passou a trabalhar presencialmente no espaço. Nesse encontro, a coordenadora, professora Maria Cleci Venturini, orientou sobre o cronograma de atividades a serem desenvolvidas e as atribuições dos bolsistas.

A partir do dia 11 de setembro até o término do projeto, a equipe se reuniu, quinzenalmente, de forma virtual, via *Google Meet*, com o grupo de estudos Labell, coordenado pela professora Maria Cleci Venturini e discutiram diferentes materialidades textuais, atendendo a parte teórico-prática do projeto. Destacamos que, para que os trabalhos pudessem ser apresentados nos diferentes eventos dos quais participou, a equipe dedicou-se à leitura, discussões, análise e escrita durante esse período de vigência do projeto, além de (re)organizar o site do Labell (<https://sites.unicentro.br/wp/labell/>) e alimentar a página Museus e arquivos: lugares de memória do/no espaço urbano no Facebook (<https://www.facebook.com/museusearquivos>) bem como trabalharam com a catalogação de livros dispostos no acervo do Labell.

Visando aprofundar os conhecimentos em torno do Holocausto, ainda no mês de setembro, a equipe assistiu, como ouvinte: “Testemunho: Marika Gidali - sobrevivente do Holocausto; evento promovido pelo Museu do Holocausto de Curitiba” (<https://www.youtube.com/watch?v=UEV-CrJtPFI>).

² A conferência de abertura pode ser assistida pelo canal do Labell no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=0LwGDn2daMU&t=9s>

³ Os anais do evento estão disponíveis em: (https://evento.unicentro.br/files/Arquivos/car_arquivo/16_12_2021_documento_1233165632.pdf)

Imagem 2: Primeiro encontro presencial da equipe executora do projeto

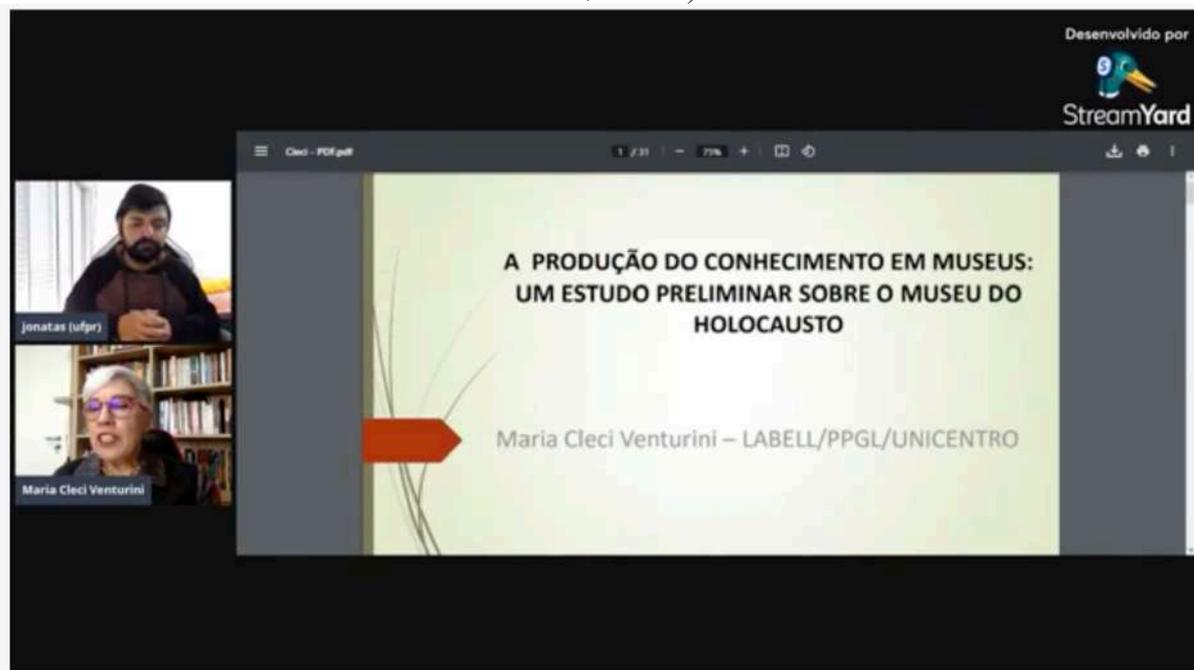


Fonte: Arquivo pessoal.

Sentados, da esquerda para a direita: Maria Cláudia Teixeira, Clara Emanuelle Pereira, Nathan Henrique da Silva Lermen; em pé: Maria Cleci Venturini e Josiele Zevierzecoski

No *Primavera de pesquisas no sul: epistemologia e produção do conhecimento em ciências da linguagem* (UNICENTRO; UFPR; UFSM) (22 a 24 de setembro de 2021), evento em que a professora Maria Cleci Venturini é membro da coordenação geral e a professora Maria Cláudia Teixeira, orientadora do projeto, é membro da comissão organizadora, encontramos espaço para a disseminação das pesquisas ainda em andamento, desenvolvidas no interior do projeto. A professora Maria Cleci Venturini, participou como palestrante da mesa-redonda “Produção e circulação do conhecimento em ciências da linguagem”, proferindo a palestra intitulada “A produção do conhecimento em museus: um estudo preliminar sobre o Museu do Holocausto”.

Imagem 3: Participação da Professora Maria Cleci Venturini no *Primavera de Pesquisas no Sul: epistemologia e produção do conhecimento em ciências da linguagem (UNICENTRO; UFPR; UFSM)*



Primavera de Pesquisas no Sul

Fonte: Print de tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T17TVQQXMkM&t=3271s> Acesso em: 28 set. 2022

Na sessão de comunicação de trabalhos, o bolsista Nathan Lermen apresentou o trabalho intitulado “Sobre a história e a memória do Holocausto”, tendo como foco principal a disseminação do projeto para a comunidade acadêmica. O bolsista Paulo Ricardo do Prado apresentou a pesquisa intitulada “O arquivo e a testemunha: estrutura da narratividade do Museu do Holocausto” e Clara Emanuelle Pereira “Arquivo e testemunho de mulheres no Museu do Holocausto” com a orientação da professora Maria Cleci Venturini. Cinco participantes voluntários do projeto, também orientados pela professora Maria Cleci Venturini, apresentaram suas pesquisas em andamento. A acadêmica do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa – UNICENTRO, Ariane Pacheco Paz, apresentou o trabalho intitulado “Museu do Holocausto: análise de materialidades fílmicas sobre crianças judias”. A mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Raquel Baldissera, apresentou o trabalho “Os bordéis nazistas e os efeitos de sentido sobre o sujeito feminino: silêncio e memória” e os professores do NRE de Guarapuava, Adriana Cristina Bernardim, Leandro Tafuri e Marilda Aparecida Lachovski apresentaram os trabalhos: “O sujeito-criança no espaço discursivo do/no



museu do Holocausto de Curitiba e na Rede Laes”; “Marcados pelo triângulo rosa: discurso de e discurso sobre o sujeito homossexual no nazismo”; “Os significantes vítima e justiça – do dicionário ao movimento de sentidos, em discurso”, consecutivamente⁴.

Em outubro, as pesquisas e leituras continuaram sendo feitas com dedicação e seriedade. A equipe deu continuidade às pesquisas iniciadas e propôs novas leituras e pesquisas para participar de outros eventos. A coordenadora e a orientadora do projeto, dedicaram-se às orientações desses estudos.

Entre os dias 05 e 07 de outubro aconteceu, de forma virtual, o *I Colóquio de Letras EaD: Letras e Resistência*, sendo a professora Maria Claudia Teixeira uma das coordenadoras e a professora Maria Cleci Venturini membro da comissão organizadora e da comissão científica. Neste evento, na sessão de comunicação IV “Língua/Discurso, Literatura e Resistência”, coordenada pela professora Maria Claudia Teixeira, a bolsista Josiele Zevierzecoski apresentou a pesquisa intitulada “Discurso e Ensino: Uma análise da memória em torno do Holocausto no Livro Didático e na Base Nacional Comum Curricular”, sob orientação de Maria Claudia Teixeira, que também orientou o trabalho “Memorial do Holocausto: reconstrução da memória”, de Raquel Baldissera, voluntária do projeto. Nessa mesma sessão a professora Maria Claudia Teixeira, em parceria com a professora Maria Cleci Venturini, apresentou o trabalho intitulado “O diário de Anne Frank: memória e resistência”.

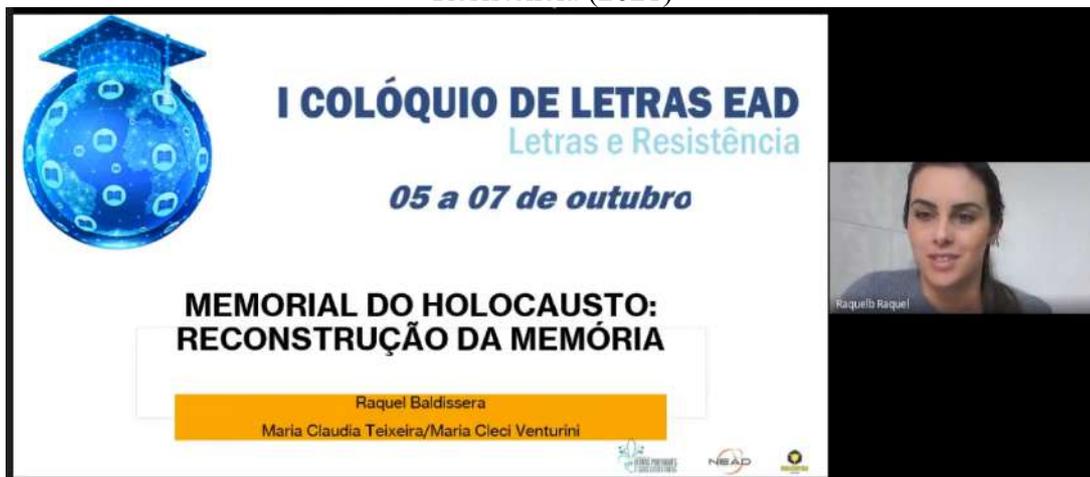
⁴ Saliente-se que o evento ocorreu de forma virtual e hoje, como arquivo, pode ser acessado pelo canal do Label no Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=T17TVQXMKM> Os anais do evento podem ser acessados pelo link: <https://acrobat.adobe.com/link/track?uri=urn%3Aaid%3A%3AUS%3A6a7536ca-be61-34f9-a52c-ff012ce3daa3&viewer%21megaVerb=group-discover>

Imagem 4: Apresentação da bolsista Josiele Zevierzecoski no I Colóquio de Letras EaD: Letras e Resistência (2021)



Fonte: Captura de tela feita pela coordenadora do simpósio: Maria Claudia Teixeira

Imagem 5: Apresentação de Raquel Baldissera no I Colóquio de Letras EaD: Letras e Resistência (2021)



Fonte: Captura de tela feita pela coordenadora do simpósio: Maria Claudia Teixeira

Imagem 6: Apresentação de Maria Claudia Teixeira e Maria Cleci Venturini no I Colóquio de Letras EaD: Letras e Resistência (2021)

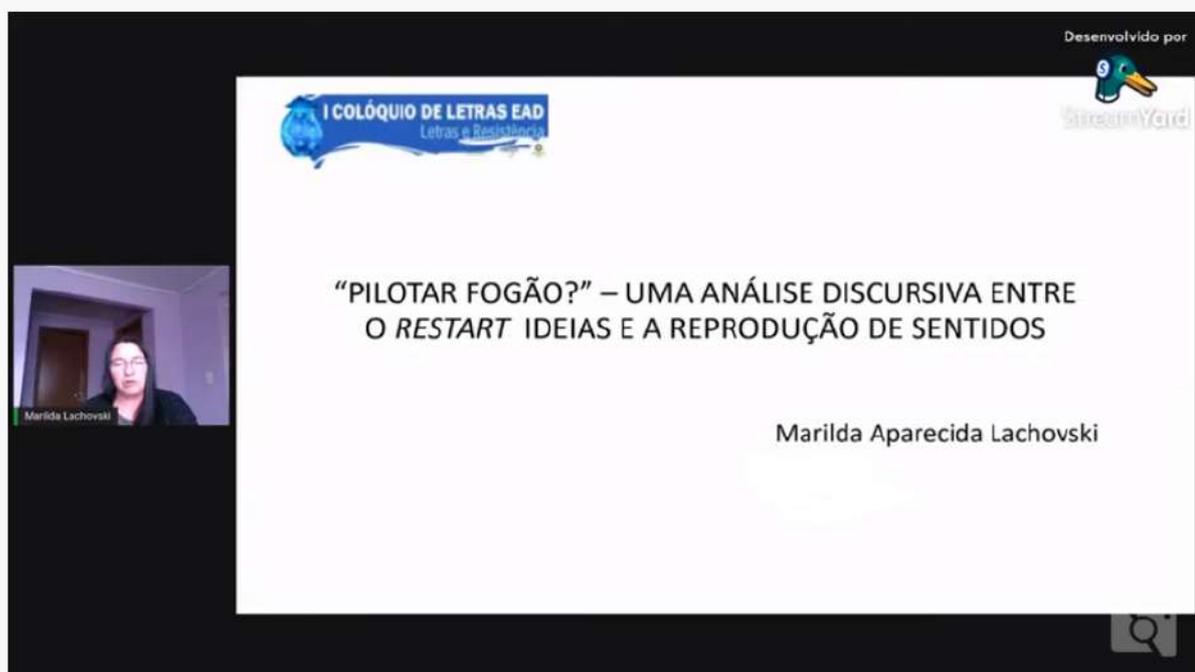


Fonte: Captura de tela feita pela coordenadora do simpósio: Maria Claudia Teixeira

Ainda neste evento, a professora Maria Cleci Venturini mediu a mesa-redonda II: “Sentidos de Resistência em (dis)curso”. Nessa mesa a professora Marilda Aparecida Lachovski, voluntária do projeto, apresentou a palestra “‘Pilotar fogão?’ – uma análise discursiva entre o restart ideias e a produção de sentidos”⁵.

⁵ Os anais do evento podem ser acessados pelo link: https://evento.unicentro.br/files/Arquivos/car_arquivo/16_12_2021_documento_0908487114.pdf

Imagem 7: Momentos da Mesa-redonda II: Sentidos de resistência em (dis)curso, coordenada pela Professora Maria Cleci Venturini



Fonte: Captura de tela feita pela coordenadora do simpósio: Maria Claudia Teixeira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=71O1QSUR3M0> Acesso em: 28 set. 2022.

No mesmo mês, outubro, a professora Maria Cleci Venturini em parceria com a professora Maria Claudia Teixeira, apresentaram o trabalho “Museu do Holocausto/PR:

Espaço de resistência” no *X Seminário de Estudos em Análise do Discurso: entre memória e atualidade*, que aconteceu entre os dias 03 e 22 de outubro, de forma virtual⁶.

Imagem 8: Apresentação em Simpósio do SEAD (2021), Professora Maria Cleci Venturini e Professora Maria Claudia Teixeira



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fh8xrMl5ytw&list=PLfFhM9y-1KqDP0sEyGLZxb65yQG6pig&index=6> Acesso em: 28 set. 2022.

A equipe participou como ouvinte do “Seminário de Estudos sobre o Holocausto - Museus e Exposições” promovido pelo Instituto de História Contemporânea e com o Museu Nacional Resistência e Liberdade de Portugal (<https://www.youtube.com/watch?v=-JJYR0xTHw0>)

Na *VII Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão* (22 a 26 de novembro de 2021), Maria Cleci Venturini e Maria Claudia Teixeira participaram da mesa “Pesquisas em Análise do Discurso.” A bolsista Clara Emanuelle Pereira apresentou a pesquisa intitulada “Museu do Holocausto: arquivo e testemunho de mulheres” e Paulo Ricardo do Prado apresentou a pesquisa intitulada “O arquivo e a testemunha: estrutura da narrativa do Museu do Holocausto”, ambos com a orientação da coordenadora.

⁶ O trabalho apresentado pelas autoras está publicado nos anais do SEAD e pode ser acessado e lido em: <https://www.discursousead.com.br/x-sead-2021>

Imagem 9: Participação das professoras Maria Cleci Venturini e Maria Claudia Teixeira na VII Semana de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (2021)



Fonte: Captura de tela feita por Maria Claudia Teixeira, no momento do evento realizado pela plataforma *Google Meet*

Ainda em novembro de 2021:

Participação da equipe como ouvinte no curso *Holocausto (Shoá): Perguntas simples, respostas complexas* promovido pelo Centro Cultural Mordechai Anielevitch com duração de 4 semanas. O curso contou com os pesquisadores da área do Holocausto: Michel Ehrlich, Sérgio Campregher, Kátia Lerner e Carlos Reiss, este último coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba e organizador da programação do curso.

Assistiram, como ouvintes, ao curso de extensão *Arquivo, política de memória e atualidade* promovido pela UFRJ e UFSM, cujo objetivo estava centrado na construção de um espaço de relações de conhecimento e de trocas de experiências entre pesquisadores que trabalham com arquivo e políticas de memória nas ciências da linguagem. (<https://www.youtube.com/watch?v=6rRfMWp3uxc>)

Assistiram, como ouvintes, ao evento intitulado *O Museu das Memórias (In)Possíveis conversa com o Inventário de Sonhos*, promovido pelo Instituto APPOA (Porto Alegre, RS) (https://appoa.org.br/instituto_appoa/projeto-museu-das-memorias-in-possiveis/1723)

Em dezembro, a equipe trabalhou para finalizar os textos a serem publicados no livro *Museus, arquivos, patrimônio e espaço urbano em (dis)curso*, organizado por Maria Cleci Venturini, Maria Claudia Teixeira e Leandro Tafuri, resultando os seguintes capítulos, produzidos pela equipe do projeto (bolsistas e voluntários/ acadêmicos, pós-graduandos e professores do NRE)

“Como uma luz na escuridão”: o Museu do Holocausto de Curitiba e(m) (dis)curso no(s)/pelo(s) funcionamento(s) da história, memória e educação – Elivélton Assis Krümmel; Maria Cleci Venturini

“Fazer-Memória, Tecer História: o Museu do Holocausto entre a saturação e a falta” – Marilda Aparecida Lachovski; Clara Emanuelle Pereira; Paulo Ricardo do Prado

“Gestos de leitura política e escritura discursiva do imaginário sobre “suástica” – Suhaila Mehanna Schon; Ellen Tabora Ribas; Géssica Aparecida Cappeloni

“Entre história e memória: o testemunho das primeiras mulheres de Auschwitz” – Maria Claudia Teixeira; Nathan Henrique da Silva Lermen; Raquel Baldissera; Josiele Zevierzecoski

“Entre a memória e a História: o sujeito judeu no Museo del Holocausto de Buenos Aires” – Adriana Cristina Bernardim; Adilson Carlos Batista; Leandro Tafuri.

Atendendo a porção teórico-prática do projeto, em 05 de dezembro de 2021, um grupo composto pelos bolsistas do projeto, coordenadora e alguns dos integrantes do Labell e professores voluntários que aderiram ao projeto, efetivaram a visita ao Museu do Holocausto prevista no cronograma de atividades. O objetivo da visita esteve centrado na atenção à organicidade daquele lugar e em como este está estruturado para cumprir seu papel educacional através de suas exposições e acervos documentários.

Imagem 10: Visita ao Museu do Holocausto, Curitiba



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Imagem 11: Visita ao Museu do Holocausto, Curitiba



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Imagem 12: Visita ao Museu do Holocausto, Curitiba. Ao centro, sentada, Professora Maria Cleci Venturini



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Imagem 13: Bolsistas do projeto, no Museu do Holocausto de Curitiba



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Da esquerda para a direita: Maria Juliane de Almeida; Paulo Ricardo do Prado; Josiele Zevierzecoski; Clara Emanuelle Pereira; Maria Claudia Teixeira; Nathan Lermen

Entre os dias 13 e 17 de dezembro aconteceu o *X Seminário de Dissertações em Andamento - SEDAN - III Fórum de Autoavaliação do PPGL - II Encontro de Egressos do Programa*, e nesse evento a bolsista orientadora, professora Maria Claudia Teixeira, convidada como egressa do Programa de Pós-Graduação em Letras, apresentou o projeto e algumas das ações já desenvolvidas no período.

Imagem 14: Três momentos da apresentação feita pela Professora Maria Claudia Teixeira

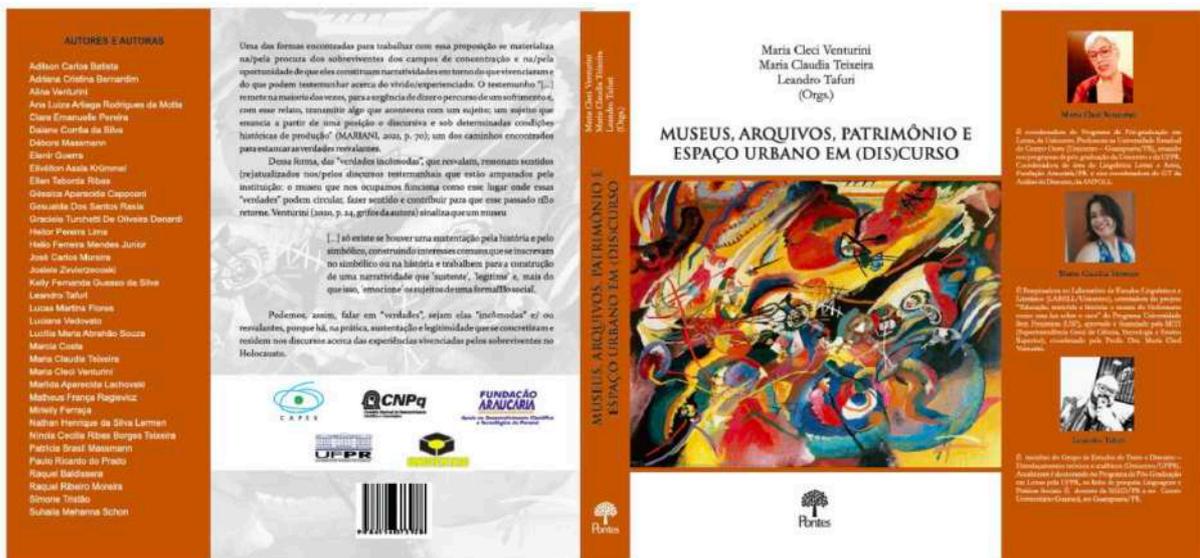


Fonte: Captura de tela de apresentação realizada pela plataforma *Google Meet*

Entramos em 2022 com o mesmo ritmo intenso de trabalhos, solidificando as parcerias já firmadas e ávidos a iniciar as atividades com os professores do Núcleo Regional de Educação de Guarapuava, voluntários do projeto.

A primeira grande conquista do ano foi a publicação do livro *Museus, arquivos, patrimônio e espaço urbano em (dis)curso*, pela Pontes Editores, organizado por Maria Cleci Venturini, Maria Claudia Teixeira e Leandro Tafuri. Essa organização em seis mãos resultou do III Colóquio Internacional *Museus e Arquivos: Lugares de Memória e de História*, realizado em 2021, na Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, e é fruto do Grupo de Pesquisas CNPq – Estudos do Texto e do Discurso: Entrelaçamentos teóricos e analíticos – GPTD e de projeto produtividade apoiado pela Fundação Araucária e desenvolvido no biênio 2018-2020, tendo, ainda, o apoio da Universidade Federal do Paraná para a sua publicação.

Imagem 15: Capa e contracapa do livro

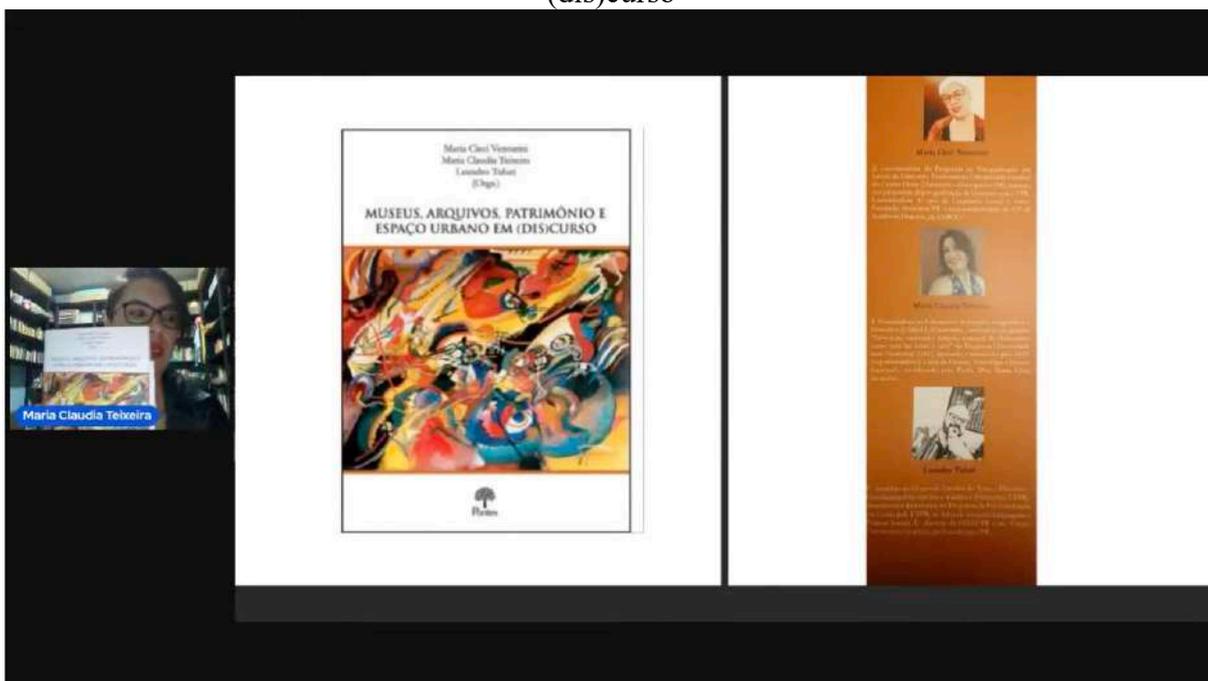


Fonte: Arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini

A obra tem como objetivo, aprofundar as discussões em torno de Museus, Arquivos, História e Memória pela aproximação entre História e a Análise de Discurso. Os autores apresentam a obra como um “lugar de memória” porque preserva, sustenta e legitima as pesquisas, as parcerias e a atuação dos autores na produção do conhecimento.

Prefaciada pelo professor Juan-Manuel Lopez-Muñoz, da Universidade de Cádiz, a obra está dividida em quatro seções que guardam dezessete capítulos. Na primeira seção, “Museu, memória e patrimônio”, estão os textos que tomam o museu como fio condutor das discussões, abordando diferentes objetos discursivos. Na segunda seção, “Cidade, memória e patrimônio”, apresenta textos que compreendem a cidade como espaço de produção de sentidos. A terceira seção, “O feminino em (dis)curso: história e memória”, abarca textos que tematizam a figura feminina no âmbito discursivo e, na quarta seção, “O discurso em tempos de pandemia”, destacam-se textos que versam sobre o discurso da pandemia. A apresentação do livro foi lançada no *IV Seminário Discurso, Cultura e Mídia* (SEDISC) em setembro de 2022.

Imagem 16: Apresentação do livro: Museus, arquivos, patrimônio e espaço urbano em (dis)curso



Lançamento da obra "Museus, Arquivos, Patrimônio e Espaço Urbano em (Dis) Curso"

Fonte: Captura de tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=irfLT1b3mKk> Acesso em: 28 set. 2022.

No mês de abril, após o início e organização das aulas nas escolas públicas do NRE, ano letivo de 2022, convocamos os professores que aderiram ao projeto para a primeira reunião; realizada no Laboratório de Estudos Linguísticos e Literários (Labell). Nesta reunião foi

realizada uma apresentação do projeto aos professores e discutido sobre a história do Museu do Holocausto de Curitiba com base nos seus três pilares: Memória, Educação e Pesquisa. Na oportunidade, foram expostas fotografias e relatamos a experiência de visita ao museu, que ocorreu em dezembro de 2021. Esta etapa da apresentação foi coordenada pelos bolsistas do projeto: Nathan Lermen, Clara Pereira, Josiele Zevierzecoski, Maria Juliane de Almeida e Paulo do Prado. A coordenadora do projeto, professora Maria Cleci Venturini, e a orientadora, professora Maria Claudia Teixeira, foram responsáveis por apresentarem a proposta do projeto, seus objetivos e o cronograma com as atividades a serem realizadas.

Imagem 17: Apresentação do projeto aos professores



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Imagem 18: Equipe e professores participantes da reunião



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

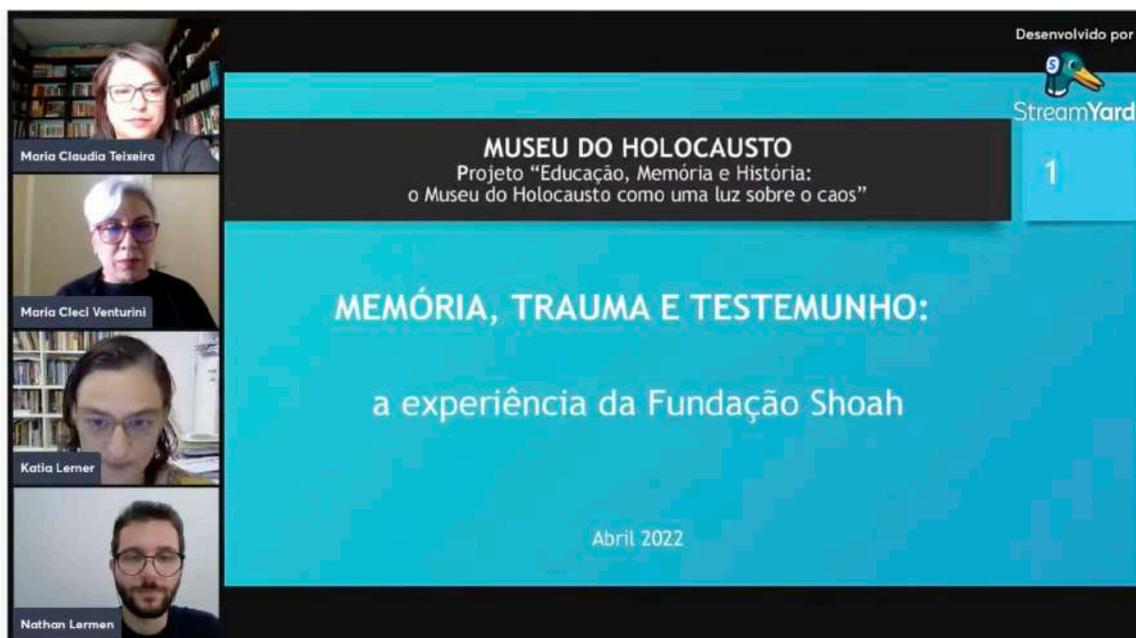
O primeiro curso para os professores sobre o Holocausto foi ministrado pela professora Kátia Lerner. Socióloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Sociologia pela Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Kátia Lerner é professora-titular da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e pesquisadora do Laboratório de Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Laces/Icict), onde coordena o Observatório de Saúde na Mídia. Intitulado *Memória, trauma e testemunho: a experiência da Fundação Shoá*, o encontro ocorreu no dia 23 de abril de 2022 e contou com a mediação da coordenadora do projeto, Maria Cleci Venturini. Lerner elaborou sua conferência partindo de uma apresentação sobre a criação da Fundação Shoah, uma organização transnacional que captou mais de 50.000 entrevistas com os sobreviventes do Holocausto (Lerner foi a responsável pela realização das entrevistas com os sobreviventes brasileiros). Além disso, a conferencista conectou a criação de tal instituição com a construção atual sobre a memória do Holocausto.

Imagem 19: Cartaz de divulgação



Fonte: Arquivo pessoal dos autores. Arte elaborada pela equipe de bolsistas

Imagem 20: Conferencista e Mediadores



Memória, trauma e testemunho: a experiência da Fundação Shoá

Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4XHsIHLKW0&t=31s> Acesso em: 29 set. 2022

No dia 28 de abril de 2022, o *Projeto Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos* promoveu a mesa-redonda “Educação, memória e História: O Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos”. O evento ocorreu de forma híbrida com sede na Universidade Federal do Paraná (UFPR)⁷, organizado por Maria Cleci Venturini e mediado pela professora Gesualda dos Santos Rasia (vice-coordenadora do PPG Letras UFPR). A mesa-redonda teve apresentação da professora Maria Cleci Venturini (UNICENTRO), Elivélton Assis Krümmel (Doutorando UFSM), Leandro Tafuri (Doutorando-UFPR), Josiele Zevierzecoski (Mestranda-UNICENTRO), todos integrantes do projeto.

Imagem 21: Folder de divulgação do evento



Fonte: Arquivo pessoal. Arte elaborada pela equipe de bolsistas

A pesquisa de Maria Cleci Venturini e Elivélton Krümmel, intitulada “Como uma luz na escuridão: o Museu do Holocausto de Curitiba e(m) (dis)curso no(s)/ pelo(s) funcionamento(s) da história, memória e educação” aborda os discursos resvalantes e as

⁷ A gravação do dia está disponível no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=U_L9XXUZZOY.

verdades incômodas sobre o holocausto. A pesquisa, vale ressaltar, faz parte do livro *Museus, arquivos, patrimônio e espaço urbano e, (dis)curso* (2022), organizado por Maria Cleci Venturini, Maria Claudia Teixeira e Leandro Tafuri.

Imagem 22: Mesa-Redonda *Educação, memória e História: O Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos* (UFPR)



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Neste mesmo evento, Leandro Tafuri, que participou do projeto como professor ligado ao NRE, apresentou “Discurso, memória e história: funcionamento da estrela amarela do Holocausto”. Já a bolsista Josiele Zevierzecoski apresentou sua pesquisa, oriunda de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), orientado pela Profa Dra Maria Claudia Teixeira (integrante do projeto - orientadora), sob o título “Discurso e ensino: uma análise da memória em torno do Holocausto no Livro Didático e na Base Nacional Comum Curricular”. Ambos participaram de modo virtual.

O projeto esteve presente na *I Mostra Bienal de Arte da Unicentro (MOBI)*, organizada pelo Laboratório de Estudos Culturais, Identidades e Representação (LABECIR) da Universidade Estadual do Centro-Oeste- UNICENTRO e pela DIRC – Diretoria de Cultura da UNICENTRO. Neste evento apresentamos um painel contendo informações sobre o desenvolvimento do projeto “Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos”. O painel permaneceu exposto por todo o mês de maio nos espaços do

centro de exposição da PROEC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura) e em frente ao auditório Francisco Contini.

Imagem 23: Painei

Educação, memória e história: o Museu do Holocausto como uma "Luz sobre o caos"

Coordenadora geral: Maria Cleci Venturini (LABELL - Unicentro) – mariaclavicenturini@gmail.com / Orientadora: Maria Cláudia Teixeira – mteixeira@unicentro.br

Introdução e Objetivo(s)

O projeto de extensão "Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma 'Luz sobre o caos'", vinculado ao programa 'Universidade Sem Fronteiras' (USF) e financiado pela SETI, tem como parceiros o Núcleo Regional de Educação (Guarapuava) e o Museu do Holocausto (Curitiba). O objetivo principal do projeto é colaborar com o projeto educacional do museu do Holocausto, mostrando que as grandes tragédias têm origem na desigualdade e na indiferença que provoca a exclusão e, muitas vezes, a morte de seres humanos. Realizamos atividades que incluem diferentes materialidades discursivas com vistas a dar visibilidade às minorias, reforçando a inclusão e à igualdade de direitos.

Metodologia	Resultados e Discussões
O foco de nossas discussões são os museus como lugares de memória, com destaque para o Museu do Holocausto de Curitiba, e os estudos do discurso, mais precisamente, a língua na história fazendo sentido. A metodologia que embasa a Análise de Discurso, não trabalha com produtos, mas com efeitos de sentidos. O seu foco é o discurso, conforme Orlandi (2002) o homem falando, a língua em curso. Importa, portanto, a língua na história, considerando, conforme Milner (1987), o 'real da língua' e, a partir de Gadet e Pêcheux (2004), o 'real da história'.	O público-alvo, num primeiro momento, são professores da rede estadual de ensino, estabelecendo, portanto, uma parceria com o Núcleo Regional de Educação (NRE) de Guarapuava, envolvendo docentes de diferentes municípios atendidos pelo NRE, com os quais serão discutidas as questões referentes ao Museu do Holocausto, a história e a memória, objetivando compreender o museu como lugar de memória e de saberes ligados ao que fez e continua a fazer sentido na formação social, com vistas a desenvolver a consciência cidadã pela discussão do valor dos espaços públicos e da história que constitui os sujeitos.

Conclusões/Considerações Finais

A avaliação e acompanhamento pelo público dar-se-á durante a realização das diferentes atividades propostas, seja em forma de debates, discussões ou pela prática de leitura, produção escrita, entre outras, ou seja, pela adesão às proposições do projeto. A ação será considerada satisfatória se houver adesão da comunidade escolar, principalmente dos docentes do NRE de Guarapuava, efetivando sua participação no projeto.

Agradecimentos

Agradecemos à Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) pelo financiamento do projeto e ao Museu do Holocausto de Curitiba pela parceria.

Referências

GADET, Françoise, PECHÉUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da Linguística*. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes Editora, 2004.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Trad. Paulo Sérgio de Souza Junior. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1987.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

PECHÉUX, Michel (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

REISS, C. *Luz sobre o caos: educação e memória do holocausto*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imagário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. 1. ed. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2009.

1

LABECIR LABORATÓRIO DE ESTUDOS CULTURAIS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÃO

PPGL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

UNICENTRO

Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Imagem 24: Painel e painelistas/bolsista



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

No dia 07 de maio de 2022, foi realizada a segunda atividade para os professores voluntários do projeto, no cinema da UNICENTRO (Campus Santa Cruz): a apresentação do documentário *Anne Frank - Vidas Paralelas*. O documentário foi elaborado como homenagem aos 90 anos de Anne Frank. A intenção da produção é homenagear a memória de Anne e apresentar a história de outras mulheres (Arianna Szorenyl, Helga Weiss, Andra Bucci, Tatiana Bucci e Sarah Lichtsztejn-Montard) que passaram por diferentes campos de concentração. Tal produção apresenta diferentes trechos do famoso diário, narrados pela atriz Helen Mirren. Após a apresentação de 1h35m, uma discussão foi proposta para os presentes da sala (entre professores, integrantes do Labell e integrantes do projeto). Foi uma oportunidade para discutir a história de mulheres no holocausto, a importância do testemunho e o papel sobre a geração descendente.

Imagem 25: Cartaz de divulgação



Fonte: Arquivo pessoal dos autores. Arte elaborada pela equipe de bolsistas

Imagem 26: Alguns dos presentes na atividade



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

A terceira atividade organizada para os professores foi ministrada por Michel Ehrlich mediador educativo e coordenador do departamento de História do Museu do Holocausto. O conferencista é graduado e mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), possui pesquisas na áreas de autoritarismo, Shoá, memórias e uso do passado e educação. Intitulado *Sobreviventes da Shoá no Paraná: entre história global e história local*, o encontro ocorreu no dia 21 de maio de 2022 e contou com a mediação do bolsista recém-formado Nathan Lermen e dos bolsistas graduandos Clara Pereira e Paulo Prado. Michel Ehrlich iniciou sua fala com a historização envolvendo as trajetórias de sobreviventes do Holocausto que migraram para o Brasil, especificamente para o Estado do Paraná. Ele aproveitou o momento para abordar as concepções referentes à categoria “sobrevivente”, a partir da compreensão do Museu do Holocausto, visto que Michel Ehrlich faz parte da organização e coordenação do departamento histórico do Museu. Em sua conferência, a partir do acervo do Museu do Holocausto de Curitiba, o professor abordou as histórias de vida de alguns destes sobreviventes que fizeram do Paraná sua casa, apresentando diferentes fontes que integram o acervo do museu. Além de traçar as relações e descrever os conceitos de história global e história local.

Imagem 27: Cartaz de divulgação



Fonte: Arquivo pessoal dos autores. Arte elaborada pela equipe de bolsistas

Imagem 28: Conferencista e Mediadores



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35PuDV3St6w> Acesso em: 29 set. 2022.

Imagem 29: Conferência de Michel Erlich



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35PuDV3St6w> Acesso em: 29 set. 2022.

Na quarta atividade, os professores da rede de ensino, assistiram à conferência de Alana de Moraes Leite, mestra em Educação e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). A conferência proferida pela



pesquisadora foi intitulada: *A força da voz no cotidiano: o impacto de histórias de vida na sala de aula e o ensino da Shoah* e trouxe questões sobre a memória e o ensino da Shoá no Brasil. A conferência, realizada no dia 04 de junho de 2022, contou com a mediação do bolsista recém-graduado Nathan Lermen, a Profa. Dra. Maria Claudia Teixeira e a Profa. Dra Marilda Aparecida Lachovski, que atua no projeto como uma das professoras da rede básica de educação. A historiadora tratou de assuntos referentes ao âmbito educacional da Shoá, tais como: a temática em livros didáticos; o papel da memória coletiva e individual; a função, a constituição e a utilização de testemunhos em sala de aula. A conferencista aproveitou o momento para citar exemplos de materiais didáticos úteis para serem utilizados, como o projeto “Milhões de Vozes”, proposto pelo próprio Museu do Holocausto de Curitiba.

Imagem 30: Cartaz de divulgação

Projeto
**EDUCAÇÃO,
MEMÓRIA
E HISTÓRIA**
o Museu do Holocausto como
uma 'Luz sobre o Caos'

Alana de Moraes Leite

**“A força da voz no cotidiano”:
o impacto de histórias de vida na
sala de aula e o ensino da
Shoah**

Mediadores: Prof.ª Dr.ª Maria Cleci Venturini
Prof.ª Dr.ª Marilda Lachovski
Mestrando Nathan Lermen

Data: 04 de junho
Horário: 14:00
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=rqte4UgNggE>

inscrições: <https://evento.unicentro.br/site/coloquiomuseu/2022/3>
contato: museuscoloquio@gmail.com

EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA | PARANÁ | Label | PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PPGL

Fonte: Arquivo pessoal dos autores. Arte elaborada pela equipe de bolsistas

Imagem 31: Conferencista



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rqte4UgNggE> Acesso em: 29 set. 2022.

No dia 24 de junho de 2022, foi realizado no cinema da UNICENTRO (Campus Santa Cruz). A quinta atividade para os professores: a apresentação do filme *Denial* (2016), em português “Negação”. O filme é baseado na obra literária de Deborah Lipstadt, *History on Trial: My Day in Court with a Holocaust Denier*. Deborah Lipstadt é uma professora historiadora americana especializada na temática sobre o Holocausto, mas que tem seu trabalho e suas convicções questionadas por David Irving, um simpatizante do nazismo, que se intitula, apesar de não ter um título acadêmico, de “Historiador”. Irving tenta forjar a história com afirmações de que Hitler não mandou torturar e matar os judeus e demais vítimas do Holocausto e, com efeito, tenta construir outra imagem da figura que foi diretamente responsável por ceifar a vida de milhares de pessoas. Diante desses apontamentos, Deborah acusa Irving de negar o Holocausto, entretanto, ele a processa e, a partir disso, a historiadora teria que provar, diante de um tribunal, que Irving mentiu sobre os acontecimentos da maior catástrofe do século XX. Após a apresentação de 1h40m, uma discussão foi proposta para os presentes da sala (entre professores, integrantes do Labell e integrantes do projeto). Foi uma oportunidade para discutir com os professores do projeto a importância da memória, história e do perigo da negação do Holocausto.

Imagem 31: Cartaz de divulgação

PROJETO
**EDUCAÇÃO,
MEMÓRIA
E HISTÓRIA**
O MUSEU DO HOLOCAUSTO COMO
UMA LUZ SOBRE O CASO

CONVITE

EXIBIÇÃO DO FILME DENIAL (NEGACÃO).
APÓS A EXIBIÇÃO OCORRERÁ UMA
DISCUSSÃO SOBRE O FILME.

DATA: 24/06/2022
HORÁRIO: 19:00
LOCAL: CINEMA (UNICENTRO/
CAMPUS SANTA CRUZ)

CONTACTO: MUSEUSCOLOQUIO@GMAIL.COM

EDUCAÇÃO,
MEMÓRIA
E HISTÓRIA
PARANÁ

PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS
PPGL

Labell

Fonte: Arquivo pessoal dos autores. Arte elaborada pela equipe de bolsistas

Imagem 32: Equipe aguardando o público



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini

No dia 28 de junho de 2022, os bolsistas Nathan Lermen, Clara Emanuelle Pereira, Josiele Zevierzecoski, Maria Juliane Almeida, Paulo Ricardo Prado, além dos integrantes do Labell Cadmiel Santos, Andriele Mendes e Sarah Rafaeli Pereira, realizaram a montagem da exposição itinerante *Faces of Auschwitz e Escravidão no Brasil*, que integra o acervo do Museu do Holocausto de Curitiba. As imagens que compõem a exposição foram retiradas do Museu do Holocausto, em Curitiba, por Maria Cleci Venturini e Josiele Zevierzecoski.

A exposição itinerante retrata dois momentos traumáticos da história: o Holocausto, legitimado pelos discursos nazistas e a escravidão no Brasil, legitimado por discursos racistas. Ambas resultantes do ódio e do preconceito.

Imagem 33: Processo de montagem da exposição



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini

Em 29 de junho de 2022, ocorreu a cerimônia de abertura da exposição *Faces of Auschwitz e escravidão no Brasil*. No evento estiveram presentes: o representante do Núcleo

Regional de Educação de Guarapuava, professor Marlon Douglas Pires, o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, professor Marcos Ventura Faria, a Pró-Reitora de Extensão e Cultura, Lucília de Souza, o vice-diretor do Campus Santa Cruz, professor Carlos Alberto Kühl, o diretor do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, professor Ademir Antunes, a chefe do Departamento de Letras, Luciana Fracassi Stefaniu, a coordenadora do projeto, Maria Cleci Venturini e os bolsistas Nathan Lermen, Clara Emanuelle Pereira, Josiele Zevierzecoski, Maria Juliane Almeida, Paulo Ricardo Prado. A noite de inauguração contou com a presença de 70 visitantes.

Imagem 34: Cerimônia de inauguração



Fonte: Acervo pessoal de Maria Cleci Venturini

Em entrevista cedida pela professora Maria Cleci Venturini à UnicentroTV, que também entrevistou estudantes visitantes, professores e o coordenador geral do Museu do Holocausto, Carlos Reiss, foi evidenciada a relevância da Mostra para a comunidade acadêmica, estudantil e comunidade em geral, pois a exposição não se restringiu apenas às visitas das escolas parceiras.

Nessa entrevista, a professora Maria Cleci Venturini destacou que “o objetivo é atingir as escolas e conscientizar alunos e professores da questão do Holocausto, mas não só a questão de judeus, mas também das minorias, daqueles que foram atingidos pelo nazismo e não só pelo nazismo, como é o caso da escravidão no Brasil, que também é um acontecimento traumático, para toda a sociedade”.

Imagem 35: Professora Maria Cleci Venturini em entrevista à UnicentroTV



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://unicentrom.com.br/unicentro-tv/exposicao-faces-de-auschwitz-e-escravidao-no-brasil/> Acesso em: 30 set. 2022

Carlos Reiss, na mesma entrevista, afirma que “trazer essa exposição para Guarapuava é uma oportunidade de os jovens, os alunos, terem a possibilidade de conhecer um pouco dessas duas histórias e também debater e refletir os pontos de contato entre elas”.

Imagem 36: Carlos Reiss em entrevista à UnicentroTV



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://unicentrom.com.br/unicentro-tv/exposicao-faces-de-auschwitz-e-escravidao-no-brasil/> Acesso em: 30 set. 2022

Destacamos dessa entrevista, ainda, as vozes de dois alunos e de um professor. Miguel Debrassi, estudante do Colégio Estadual Visconde de Guarapuava, sobre a exposição diz que: “Essa introdução mais visual ajuda bastante no aprendizado, na captação de informação. Eu acho que é bem importante essas visitas, esses conhecimentos a mais”. Ana Júlia Silva e Silva, estudante do mesmo colégio, declarou que: “Eu achei bem interessante. Gostei de ter vindo aqui agora e ver a exposição. A gente já ter uma facilidade para entender a matéria e é bom na hora de estudar”. Já o professor Salvador Alves de Souza afirmou que “Essa exposição aqui foi muito importante, está sendo muito importante, exatamente no sentido de propiciar aos nossos alunos, perto de casa, que eles possam vir, visitar e conhecer de perto essa exposição. E ao mesmo tempo que eles possam fazer uma reflexão do que foi o Holocausto, do que foi a escravidão aqui no Brasil”.

Para finalizar a entrevista, a professora Maria Cleci Venturini declara que a exposição permite refletir sobre “toda essa questão da opressão, não só contra negros, não só contra judeus, mas contra todos aqueles que são diferentes e que são desassistidos da sociedade”.

Imagem 37: Professor Salvador em entrevista à UnicentroTV



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://unicentrofm.com.br/unicentro-tv/exposicao-faces-de-auschwitz-e-escravidao-no-brasil/> Acesso em: 30 set. 2022

Imagem 38: Os bolsista Clara e Paulo, guiando os alunos na/pela exposição



Fonte: Captura de Tela. Disponível em: <https://unicentrofm.com.br/unicentro-tv/exposicao-faces-de-auschwitz-e-escravidao-no-brasil/> Acesso em: 30 set. 2022



Na semana posterior à inauguração, abrimos o espaço para a visita das escolas que compõem o Núcleo Regional de Educação de Guarapuava. Ao longo do mês de julho, 1350 alunos e professores do núcleo visitaram a exposição. Na oportunidade, os bolsistas do projeto guiaram os discentes pelas telas e apresentaram dados biográficos sobre aqueles retratados. Além da exposição, os bolsistas encaminharam todas as turmas para a apresentação de um documentário com o testemunho de Nanette Blitz Konig, sobrevivente do Holocausto que migrou ao Brasil após a guerra. Além de Nanette, os bolsistas apresentaram testemunhos de sobreviventes que vieram ao Paraná após o fim da II Guerra Mundial. Tais testemunhos foram fornecidos pelo Museu do Holocausto de Curitiba. Depois da exposição de telas e apresentação dos documentários, os bolsistas discutiam com os alunos questões referentes à intolerância, discursos de ódio, discriminações, preconceitos e importância dos direitos humanos na atualidade.

No dia 05 de julho, o coordenador do Museu do Holocausto de Curitiba, Carlos Reiss, esteve na Unicentro para uma apresentação aos estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio do Colégio Estadual Visconde de Guarapuava. 400 alunos foram alocados no Auditório Francisco Contini da UNICENTRO. Nesta manhã de programação, os alunos foram guiados pela exposição e acompanharam a exibição de um documentário, além da oferta da palestra de Reiss sobre os sobreviventes do Holocausto que se estabeleceram no Brasil.

A exposição permaneceu em funcionamento por todo o mês de julho no Centro de Exposição da Unicentro. A frequência de participação na exposição foi atestada por um registro de visitantes e as escolas marcavam sua presença previamente, via e-mail.

Números:

Estudantes oriundos de escolas que compõem o núcleo (Guarapuava, Turvo e Pinhão): 1350 alunos

Estudantes de escolas/faculdades particulares de Guarapuava: 125 alunos

Comunidade externa e acadêmica (inclui cidades de Guarapuava, Curitiba, Turvo, Pinhão, Chopinzinho, Imbituva, Santa Maria do Oeste, Reserva do Iguaçu, Campina do Simão, Coronel Vivida, Prudentópolis, Palmital, Laranjeiras do Sul, Inácio Martins, Palmas, Virmond, Manoel Ribas, Saudade do Iguaçu, Cândói, Irati e Cantagalo): 649 pessoas

Total de abrangência: 21 municípios.

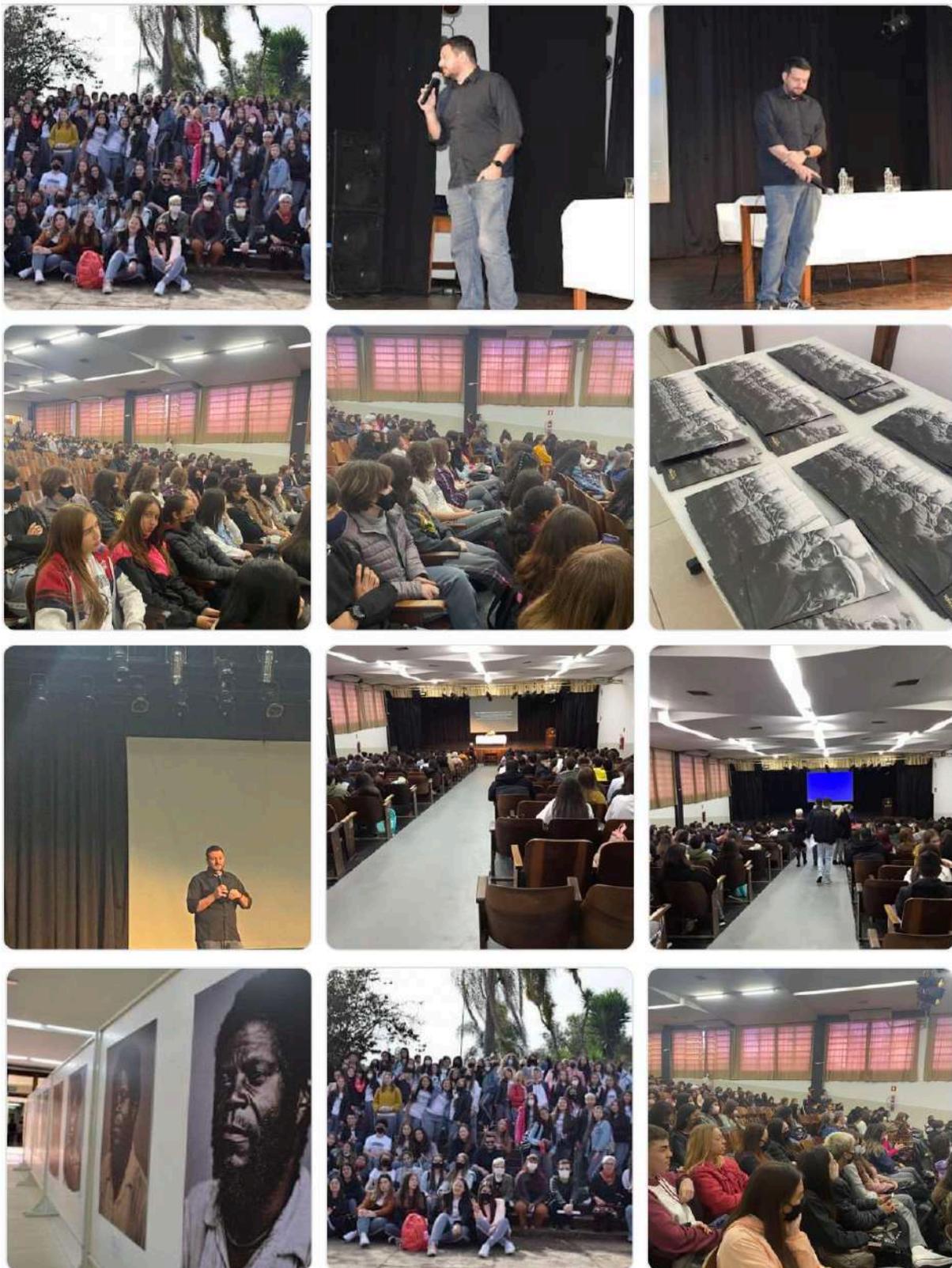
Total de pessoas atingidas pela exposição: 2124 pessoas.

Imagem 39: Algumas tomadas das atividades realizadas com os estudantes



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini

Imagem 40: Atividade com Carlos Reiss



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini

Na semana de 04 a 08 de julho, Josiele Zevierzecoski e Nathan Lermen apresentaram o trabalho intitulado “As mulheres de Auschwitz: literatura, história e testemunho” e Clara Pereira e Paulo Prado “O Diário de Anne Frank e a memória coletiva da Shoá”, no evento *Entre a Letra e a Memória - Literatura e Testemunho*, promovido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Como já sinalizado anteriormente, a exposição esteve aberta ao público durante todo o mês de julho, encerrando no dia 29, mesmo dia em que se encerrou a primeira parte do evento *IV Colóquio Internacional Museus e Memoriais do/sobre o Holocausto em (dis)curso: Educação, História e Memória*, iniciado em 25/07. A programação do evento já foi apresentada nas páginas iniciais desses anais e teve seu encerramento em 21 de setembro de 2022, com o curso presencial “Palavras no Dicionário”, ministrado pelos professores Margarita Correia (ULisboa), José Horta Nunes (UNICAMP) e Verli Petri (UFSM).

O projeto, a exposição e o evento já chegaram ao seu ponto final, mas os resultados dessas ações e as novas indagações que surgiram continuam movimentando o grupo, que já tem data para participação em novos eventos. Os resultados finais do projeto serão apresentados no *40º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul*, SEURS, no *XIV Encontro Anual de Extensão*, promovido pela Universidade Estadual do Centro-Oeste e no *II Colóquio de Letras EaD: Letras e Democracia*, todos em novembro de 2022.

Imagem 41: Estudantes do Município de Turvo que visitaram a exposição

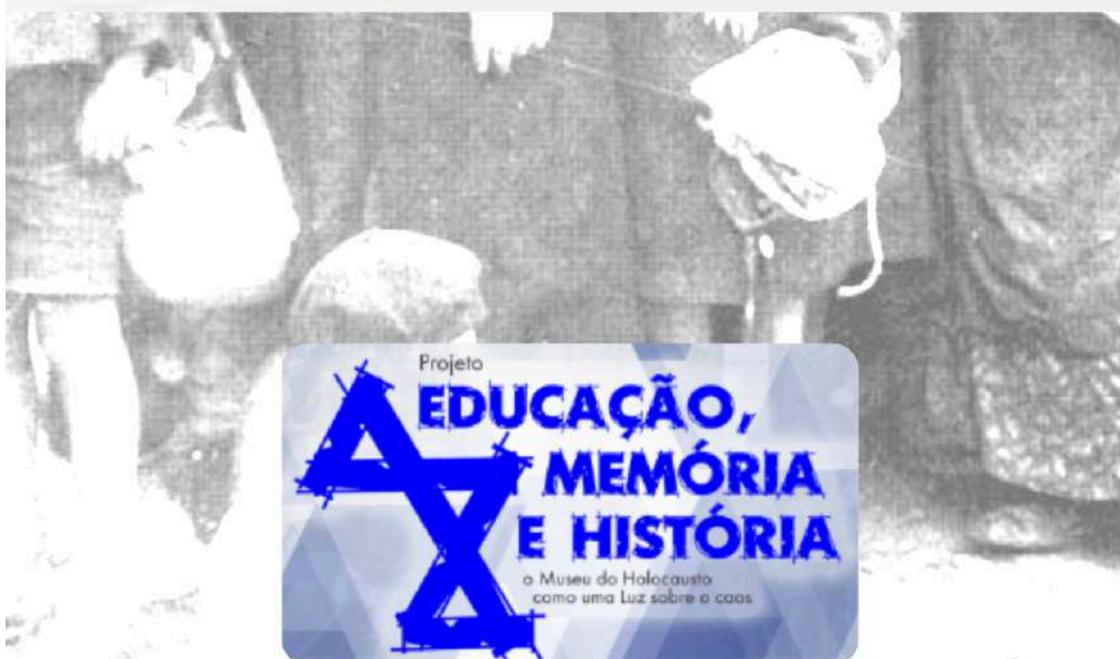


Fonte: Arquivo pessoal de Maria Cleci Venturini



PARTE II

IV COLÓQUIO INTERNACIONAL MUSEUS E MEMORIAIS
DO/SOBRE O HOLOCAUSTO EM (DIS)CURSO:
EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA





CONDIÇÕES DE FORMAÇÃO/PRODUÇÃO DO MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA: “UMA LUZ SOBRE O CAOS”

Paulo Ricardo do Prado¹
Maria Cleci Venturini²

O objeto discursivo da pesquisa é o Museu do Holocausto de Curitiba, mais especificamente, o enunciado “luz sobre o caos”, ressoando o objetivo do Museu. Inscrevemo-nos na Análise de Discurso alicerçada em Pêcheux e analisamos a discursividade museológica, pautando-nos no funcionamento da língua na história. A partir de uma base linguística e de processos discursivos. Nesse processo, o sujeito é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente e, por levar em conta o interlocutor e se antecipar a ele, regula o dizer a partir de formações imaginárias que instauram efeitos de sentidos. Inscrevemo-nos em um projeto maior, coordenado pela professora Maria Cleci Venturini em torno das narrativas museológicas. Desse projeto, recortamos o Museu do Holocausto, entendendo que neste museu os objetivos previamente determinados e o arquivo constituem-se de acontecimentos históricos e de testemunhos, que se dividem em duas ordens: a dos sobreviventes judeus, especialmente, na exposição “Entre Aspas” e na de grandes nomes de judeus – exposição “Feitos e Efeitos”, destacando que os judeus se inscreveram em diferentes domínios do conhecimento, contando-se e sendo contados e significando na formação social e mantendo a memória da *Shoá* por seus feitos. Estudiosos como Pêcheux (2014), Orlandi (2015), Venturini (2009), entre outros, sustentam e ancoram as análises. O enunciado “uma luz sobre o caos” dá visibilidade ao trabalho educacional realizado pelo museu com o objetivo de “sempre lembrar” da guerra, das mortes e das fugas, querendo ser luz e esperança nas trevas do sofrimento. Com isso, dá visibilidade aos que venceram a morte.

Palavras-chave: Museu do Holocausto; Discursividade museológica; “Uma luz sobre o caos”.

¹ Graduando do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, bolsista do Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti – pauloprado2606@gmail.com

² Orientadora, professora doutora, Coordenadora do Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO – mariacleciventurini@gmail.com



Referências

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imagário urbano:** espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.



OS MUSEUS E ESPAÇOS MEMORIAIS DA AMÉRICA LATINA SOBRE O HOLOCAUSTO EM RELAÇÃO AO MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA

Clara Emanuelle Pereira¹
Maria Cleci Venturini²

Nossa pesquisa de Iniciação Científica tem como objeto os museus e espaços memoriais do Brasil e da América Latina que abordem a temática do Holocausto, que se somam ao total de 19 espaços. Buscamos realizar um mapeamento de como aparece e é narrado o Holocausto dentro destes museus e espaços memoriais, se repetem ou rompem com os efeitos de sentido em (dis)curso que funcionam no Museu do Holocausto de Curitiba. A questão de pesquisa é: “Como o Museu do Holocausto de Curitiba pode se constituir ou não como um lugar de memória que organiza ou não outros espaços memoriais no Brasil e/ou na América Latina?”. Assim como o projeto maior é sustentado pela Análise de Discurso, à maneira como foi elaborada por Pêcheux e difundida, no Brasil, por Orlandi, também nos filiamos a ela para realização desta pesquisa. Cabe ressaltar que a busca dos diferentes museus e espaços memoriais serão realizadas via internet, os *sites* dos próprios museus e suas redes sociais, os discursos que eles fazem circular destes espaços. Os resultados de nossas análises do mapeamento do discurso e dos efeitos de sentido que são evidenciados nos museus é de um discurso comum que pretende educar e conscientizar, todos eles atuando como um lugar de memória, para que um acontecimento como o Holocausto não se repita, mas nas metodologias e enfoques de cada museu vemos diferenças do que aparece no Museu de Curitiba, que é nossa base de comparação.

Palavras-chave: Museus; Holocausto; Memória; História; Lugar de memória.

1Graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, UNICENTRO, bolsista do projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti pereiraclaraa@gmail.com

2 Doutora em Estudos Linguísticos (UFSM), Estágio Sênior na Universidade de Coimbra, sob supervisão do Prof. Dr. Fernando Catroga, docente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO e da UFPR. Bolsista Produtividade da Fundação Araucária. mariacleciventurini@gmail.com



A EXPOSIÇÃO *FEITOS E EFEITOS* (MUSEU DO HOLOCAUSTO, DE CURITIBA) E O EFEITO DE SUSTENTAÇÃO

Josiane Larissa Ramos Pinto¹

Maria Cleci Venturini²

O museu do Holocausto foi fundado em novembro de 2011, sendo idealizado pela associação casa da cultura Beeit Yaacov e funciona junto ao centro israelita do Paraná, em Curitiba. Como era de se esperar, está registrado no Instituto Brasileiro de Museu (IBRAM). Esse espaço museológico, que fica em Curitiba, tem como centro os judeus, buscando testemunhos que mostrem os sobreviventes e, são tratados como indivíduos, muitos deles com rostos conhecidos, são judeus das mais diversas nacionalidades, gêneros, classes sociais, cores, orientações sexuais, posicionamentos políticos, religiosidades e profissões. No museu, há duas exposições que se destacam: uma delas, “Entre aspas”, apresenta os testemunhos dos judeus sobreviventes, buscando mostrar que apesar de terem vivido as atrocidades dos campos de concentração conseguiram ser fortes o suficiente para ter uma sobrevivência; a outra, “Feitos e Efeitos”, exibe a imagem de grandes personalidades, muitas delas conhecidas pelo mundo todo e que têm em comum o fato de serem todos judeus, mas uma série de outras características que as individualiza, mostrando que “a identidade judaica pode se combinar e como esta fé e tradição milenares inspiram cada um deles”. A exposição “Feitos e Efeitos”, pode-se dizer que também é de testemunho, mas um testemunho em que o que fala são textos-imagens, com o nome e com fragmentos que indicam quem foram os sujeitos retratados e, também, que havia judeus que se destacaram em diferentes domínios do conhecimento, fazendo a diferença. Centrado na exposição “Feitos e Efeitos”, esse trabalho busca responder de que forma a exposição sustenta/rompe o discurso em circulação em torno dos judeus, de que judeus são apenas figuras de uma determinada religião e que foram vítimas do Holocausto não sendo vistos como indivíduos donos de uma cultura e de uma história, mas como sujeitos, segundo Orlandi (2004), como sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente.

¹ Bolsista de Iniciação Científica. Graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO – josianelramos21@gmail.com

² Professora orientadora, docente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO e da UFPR – mariaclavicenturini@gmail.com



Palavras-chave: Museu do Holocausto; Feitos e Efeitos; Discurso.

Referências

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1990.



TESTEMUNHAR O HOLOCAUSTO PELO DEVER-FALAR DO VIVIDO/SOFRIDO

Maria Cleci Venturini¹
Maria Claudia Teixeira²

Depois de Auschwitz é um texto narrado em primeira pessoa por Eva Schloos – sobrevivente do Holocausto, apresentada como meia-irmã de Anne Frank, sinalizando que o parentesco é tão ou mais relevante do que o antes, o durante e o depois do campo de concentração. A narrativa começa com o enunciado “agora sei que Eva deseja dizer algumas palavras”, que de acordo com Eva, que conta o antes, o durante e o depois de Auschwitz, encheu-a de pavor, de um turbilhão de emoções que a levariam a mudar radicalmente a sua rotina. O desejo de não testemunhar e de continuar a vida anônima se rompe e tem início a narrativa do trauma e o testemunho narrado por aqueles que experimentam, segundo Seligmann-Silva (2008, p. 69), o estranhamento “vinculado ao tema da irrealidade dos fatos vividos e da consequente inverossimilhança dos mesmos”. No pavor de “dever”/ “falar” e no falar sem parar experimentado por Eva Schloos ressoa o dilema de quem viveu o trauma, quer esquecer-lo, mas precisa narrar o inenarrável – “atravessando a Europa num trem de gado escuro e apertado, ser jogada para fora em frente ao portão do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau” e quarenta anos depois, ser tomada de terror e ‘precisar’ testemunhar o vivido em exposição sobre Anne Frank, quando começam a contar a história do Holocausto. Começa assim, o relato que se chama *Depois de Auschwitz*, mas traz o antes, o durante... O depois consiste em lembrar do vivido, tratando especialmente de Anne Frank, tecendo comentários sobre a menina do diário e do modo como teve início “o contar” da própria história e dos discursos sobre os horrores praticados pelos nazistas, que estranhamente anda junto da constatação de que “muita coisa mudou desde o fim da Segunda Guerra, mas infelizmente o preconceito e a discriminação não mudaram”. Assim, nossa proposta, consiste em discutir a afirmação feita por Eva-judia-testemunha de que “mesmo toda a veracidade do Holocausto não abriu os olhos do mundo para o terror do antissemitismo” e, também, a constatação feita por ela de que “ainda hoje existem muitas pessoas buscando por bodes expiatórios com base em cor da pele, antecedentes,

¹ Professora Doutora, Coordenadora do Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO – mariaclavicenturini@gmail.com

² Professora Doutora, colaboradora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, bolsista orientadora do Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti. – mteixeira@unicentro.br



sexualidade ou religião”. A questão que permeia nossas discussões é: como se constrói, pelo funcionamento da língua na história, a veracidade e a credibilidade do testemunho? Até que ponto o trauma afeta o dizer, silencia memórias e interdita discursos? Essas questões referem-se ao testemunho e à sua relação indissociável com a vida, bem como o seu compromisso com o real, com a cultura e com as relações sociais, interferindo na leitura do passado pela lente do presente, sinalizando que o vivido pode ser atenuado ou aumentado, dependendo da intensidade do trauma.

Palavras-chave: Holocausto; Discurso; Testemunho; Efeitos de sentido.

Referências

SELIGMANN-Silva, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Rio de Janeiro: **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SCHLOOS, Eva. **Depois de Auschwitz**. Trad. Ana Moura. São Paulo: Universo dos Livros, 2013. Livro digital.



O DIÁRIO DE HELGA WEISS COMO TESTEMUNHO DO HOLOCAUSTO

Maria Juliane de Almeida¹
Maria Claudia Teixeira²

O *Diário de Helga*: o relato de uma menina sobre a vida em um campo de concentração (2013) constitui-se como o testemunho de Helga Weiss, uma artista plástica tcheca, que ainda criança foi enviada ao campo de concentração de Terezin (República Tcheca). Sua obra original consiste em dois cadernos grampeados e mais um maço de folhas soltas que, nem sempre datados, retomam suas memórias acerca das vivências que teve neste período no campo de concentração. A edição analisada possui alterações que foram estruturadas juntamente com a organizadora do livro, onde algumas das situações foram retiradas devido ao fato de serem compreendidas, na visão da própria autora, como infantis ou repetitivas. Nesse sentido, a obra em tela é reescrita, sinalizando um novo posicionamento da autora acerca do evento, do modo de significá-lo, de forma que o olhar da criança dá lugar ao olhar do adulto, que organiza as memórias a serem mostradas e, conseqüentemente, as que devem ser apagadas. Propomos, pelo viés da Análise de Discurso pecheuxiana, realizar uma análise discursiva da obra literária para compreender como o holocausto é discursivizado. A Análise de Discurso é uma disciplina que, segundo Orlandi (2015, p. 23) “teoriza a leitura, isto é, que coloca a interpretação em questão.” Isso significa que ela não busca os conteúdos, mas os processos discursivos pelos quais se constituem efeitos de sentidos. É possível dizer, por isso, e a partir de Pêcheux (2009, p. 146), que o sentido não existe em sua literalidade. Ele decorre da filiação dos sujeitos e da inscrição deles em formações discursivas (FD). Assim, buscamos, através da análise discursiva, os sentidos produzidos, levando em consideração os aspectos fundamentais ao discurso, como a ideologia, as condições de produção, ou seja, as situações em que se produz o dizer e, é claro, o sujeito do discurso.

Palavras-chave: *Dário de Helga*; Discurso; Testemunho; Holocausto.

¹ Graduanda do Curso de Arte da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, bolsista do projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti – mariajuliane.almeida@gmail.com

² Professora Doutora, colaboradora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, bolsista orientadora do Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti. – mteixeira@unicentro.br



Referências

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

WEISS, Helga. **O diário de Helga**. Tradução George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.



A MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO NO LIVRO DIDÁTICO E NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Josiele Zevierzecoski¹
Maria Cláudia Teixeira²

O presente trabalho tem como objetivo analisar o modo como a memória sobre o Holocausto é construída e discursivizada na *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018) e no livro didático *História sociedade e cidadania* (2018), do 9º ano, Ensino Fundamental e, conseqüentemente, ensinada nas escolas brasileiras. Para isso, tomamos como base teórico-metodológica a Análise de Discurso de linha pecheuxtiana, mobilizando as noções de discurso, memória e suas relações com a história. Nosso *corpus* de análise constitui-se de recortes das materialidades discursivas em tela, organizados em sequências discursivas que, pelo nosso gesto analítico, apontam para a (re)significação da memória sobre o Holocausto no espaço escolar. As SDs sinalizam que a memória sobre o Holocausto, construída pelo discurso pedagógico nas materialidades analisadas, sustenta-se no ódio, perseguição e a criação de um imaginário social constituído a partir do nazismo, de que os judeus eram os culpados pela desgraça da Alemanha e, por isso, deveriam ser exterminados. Desse modo, a história discursivizada no livro, não é estanque, mas (re)constrói e (re)significa memórias que produzem efeitos de sentidos no presente, efeitos de sentido de alerta, que encaminham para o cuidado que se deve ter com a discriminação, ódio, preconceito e qualquer prática que desvalorize o ser humano por suas escolhas religiosas, por sua cor ou orientação sexual, pois as práticas discriminatórias podem resultar em uma tragédia.

Palavras-chave: Holocausto; Discurso; Memória; História; Ensino

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BOULOS, Alfredo. **História sociedade & cidadania**. 9º ano: ensino fundamental: anos finais. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, bolsista do projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti – josiele2711@gmail.com

² Professora Doutora, colaboradora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, bolsista orientadora do Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti. – mteixeira@unicentro.br



CONTRADIÇÃO E RESISTÊNCIA NO DISCURSO SOBRE AS POLACAS- JUDIAS

Raquel Baldissera¹
Maria Cleci Venturini²

A presente pesquisa se inscreve na Análise de Discurso, proposta por Michel Pêcheux e constantemente repensada por Eni Orlandi e pesquisadores que partilham com ela da teoria. Junto a AD, consideramos a história enquanto historicidade, tendo em conta que o objeto discursivo desta pesquisa, são as judias-polacas, que vieram para o Brasil em 1867. A obra “*Baile das máscaras: Mulheres Judias e Prostituição: As polacas e suas associações de Ajuda Mútua*” (KUSHNIR, 1996), é a obra tomada como *corpus*, por possibilitar a retomada de acontecimentos, na dissertação, deslocam-se para a perspectiva discursiva, e significam pela historicidade – a discursividade. Mobilizamos, portanto, noções teóricas, que sustentam a compreensão do texto como lugar material do discurso, objeto da Análise de Discurso. O recorte analítico incide sobre as prostitutas judias que vieram para o Brasil, fugidas da Europa no ano de 1867, devido ao antissemitismo. Trata-se de mulheres nascidas no Leste Europeu, quase analfabetas e sem dote, o que dificultava o casamento, ocasionando o agenciamento por cafetões, muitas vezes judeus. A questão a ser respondida é *Como os discursos e memórias sobre mulheres retornam e legitimam a exclusão praticada por sujeitos-judeus que também foram excluídos e animalizados?* O objetivo é verificar como são representadas imaginariamente as prostitutas judias, analisando os processos e mecanismos de exclusão que contribuem para a construção desse discurso.

Palavras-chave: Resistência; Discurso; Memória; História, prostitutas-judias.

Referências

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras:** mulheres judias e prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua. — Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. Disponível em: [https://pdf.zlibcdn.com/dtoken/ff3490971429d1d17969233b4fb14ff1/Baile_de_m%C3%A1scaras_mulheres_judias_e_prostitui%C3%A7%C3%A3o_16568425_\(z-lib.org\).pdf](https://pdf.zlibcdn.com/dtoken/ff3490971429d1d17969233b4fb14ff1/Baile_de_m%C3%A1scaras_mulheres_judias_e_prostitui%C3%A7%C3%A3o_16568425_(z-lib.org).pdf). Acesso em: 13 nov. 2021.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, raquelbaldissera@hotmail.com

² Professora orientadora, mariacl悸venturini@gmail.com



MEMORIAL DO LINCHAMENTO: A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NOS FIOS DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

Marilda Aparecida Lachovski¹
Maria Claudia Teixeira²

A partir da noção de museu e memorial, buscamos neste trabalho, refletir sobre a organização do Memorial do Linchamento, no Alabama, Estados Unidos. Instiga-nos a indagação sobre a definição e funções do memorial, não apenas como lugar de homenagem às vítimas, mas como discursividade, uma vez que nele e por ele são estruturadas práticas de memória, ou seja, se estabelece uma relação conflituosa e inquietante entre o passado que está naquele espaço narrativizado e dado à mostra, e o presente que não cessa de inquirir respostas para práticas pautadas no ódio e na dominação do outro. Colocamos em análise não só a organização do memorial, e mobilizamos, amparadas na Análise de Discurso (AD), a nomeação e designação das vítimas das práticas punitivas de linchamento, bem como os trajetos de memória e história. Para nós, o memorial, como lugar de observação do discursivo, sinaliza para o atravessamento do jurídico – como parte de um processo em que notoriamente devem constar a existência de um crime, a presença de um réu e de uma ou mais vítimas – logo, os linchamentos não são uma tentativa de “justiça com as próprias mãos”, mas sim práticas e discursividade paralelas ao jurídico, portanto, *crimes* que não podem ser repetidos e nem esquecidos.

Palavras-chave: Memorial; Discurso; Memória.

1 Doutora em Letras – Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. lachovskimarilda@gmail.com;

2 Doutora em Linguística (UNICAMP), Docente colaboradora do Departamento de Letras, Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, bolsista orientadora do Projeto *Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma luz sobre o caos*, financiado pela Seti. – mteixeira@unicentro.br



MULHERES E (IN)SUBMISSÃO: A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO PARANÁ

Andriele Aparecida Heupa¹
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira²

As mulheres encontraram diversas barreiras para conseguirem se manifestar, visto que, historicamente, ficaram relegadas ao silenciamento. Aos poucos, elas foram conquistando alguns direitos, entre eles, o de expressarem-se por meio de textos literários. Desse modo, a literatura de autoria feminina se constitui como um importante espaço em que as mulheres podem expor seu modo de ver o mundo. Isso se reflete, por exemplo, na escolha dos temas e na construção de personagens femininas. As escritoras contemporâneas paranaenses têm escrito narrativas com figuras femininas fortes e temáticas múltiplas. Entre elas, destaca-se a curitibana Giovana Madalosso, autora dos livros *A teta racional* (2016), *Tudo pode ser roubado* (2018) e *Suíte Tóquio* (2020). Entretanto, a literatura escrita por mulheres do Paraná ainda não possui o devido reconhecimento no âmbito acadêmico. Diante desse cenário, buscamos analisar as transgressões efetuadas por algumas personagens femininas presentes nos livros de Giovana Madalosso; examinar os silenciamentos que perpassam as histórias e investigar as escolhas linguísticas da autora ao escrever seus textos. A metodologia empregada é a hermenêutica literárias. A fundamentação teórica parte dos Estudos Culturais e aborda a representação na literatura escrita por mulheres com base, principalmente, em Saavedra (2021), Dalcastagnè (2007, 2012), Zolin (2009, 2019) e Teixeira (2008).

Palavras-chave: Literatura contemporânea paranaense; Escrita de mulheres; Giovana Madalosso.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), bolsista CAPES, andriele.heupa@gmail.com.

² Pós-doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição, ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br.



UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO E EFEITOS DE SENTIDOS EM PARES DE VERBETES CONTIDOS NO “VOCABULÁRIO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS”.

Gabriela Gonçalves Ribeiro¹
Verli Petri²

No Brasil, a pandemia criou o caos sanitário e social diante de tantos obstáculos que a população que vive em situação vulnerável teve, e ainda tem, que enfrentar além do novo coronavírus. Nosso ponto de partida é o projeto “A história das palavras e a dicionarização: ditos e não-ditos em tempos de pandemia no Brasil do século XXI” (CNPq-PQ2), coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri (UFSM), que busca registrar a resignificação dos sentidos das palavras que estão circulando nas mídias jornalísticas digitais nesse período histórico. O “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus” é um trabalho coletivo, compartilhado e sonhado por todos os pesquisadores que estão se dedicando a fazê-lo. O trabalho, ainda em desenvolvimento, se ampara na AD, buscando através de seus conceitos estabelecer relações entre o *corpus* escolhido e a teoria. Nosso objetivo é compreender como pares de palavras do “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”, se relacionam com as condições de produção e efeitos de sentido durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. O par de palavras que estudaremos, postos em relação a dicionários online e outros instrumentos linguísticos são: ansiedade e angústia. Nos deteremos na seguinte questão: como as palavras passam a produzir sentidos e se relacionarem entre si, resignificando-se em relação ao efeito metodológico “palavra-puxa-palavra” seja na mídia jornalística digital brasileira, seja nas práticas sociais observáveis no “Vocabulário” e além dele em tempos de pandemia?

Palavras-chave: COVID-19; Pandemia; Vocabulário; Análise de Discurso.

1 Bacharela em Letras – Português e suas Literaturas, mestranda (UFSM), gabrielaggr4@gmail.com

2 Pós-doutora, docente (UFSM), verli.petri72@gmail.com



POR ENTRE SAPATILHAS E BORDADOS: UM IMAGINÁRIO SOBRE A PRENDA GAÚCHA¹

Luana Vargas Aquino²
Verli Petri³

Este trabalho se dedica em explicitar algumas considerações sobre a construção das representações da mulher gaúcha dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), a partir dos pressupostos da teoria da Análise de Discurso. A escrita tem como objeto de análise a figura da “prenda”, uma representação construída e instituída histórica e socialmente através do MTG. Ao propor essa análise, convocam-se tensionamentos acerca do imaginário simbólico e social e da noção de memória discursiva (ORLANDI, [1999] 2015), propondo um gesto de interpretação sobre as representações que cerceiam esse imaginário ao elencar as possíveis contradições que irrompem ao movimentarmos sentidos da palavra e seus efeitos. A partir do corpus da pesquisa – constituído por dois capítulos do livro *Ser Peão, Ser Prenda* e pela reportagem *Primeira trans do Movimento Tradicionalista Gaúcho diz que quer ser aceita e respeitada*, foram selecionados cinco recortes discursivos, que compõem a seção de análise. Enfim, nossa problematização maior está ancorada na questão teórica que considera o sujeito como descentrado e lacunar, que por meio da contradição pode causar fissuras nessa estrutura, muito embora pontuamos que esse tema não se esgota em si mesmo, sempre havendo brechas e lacunas que podem, por meio da Análise de Discurso, serem movimentadas a partir de um olhar outro.

Palavras-chave: Prenda; Tradicionalismo; Memória discursiva; Imaginário; Contradição.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista da Capes. E-mail: luanavargasaquino@gmail.com.

³ Professora associada 4 (Universidade Federal de Santa Maria). E-mail: verli.petri72@gmail.com.



NEOLIBERALISMO E FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EMPREENDEDOR

Stefane Katrini Koop¹
Maria Cleci Venturini²

O modo como se configura a organização da sociedade durante a história e como os sujeitos são postos diante das relações econômicas vigentes são elementos de análise fundamentais para entendimento do tempo presente. O sujeito nascente da modernidade e os desdobramentos deste até sua compreensão enquanto indivíduo no capitalismo burguês levam a novas noções do que é liberdade e trabalho, fortalecendo o que se entende por ideologia e, por conseguinte, luta de classes, que é mantida e perpetuada pelas políticas liberais e neoliberais que se seguem. Nesse ínterim, o discurso representa peça fundamental, responsável por legitimar ou não, mostrar e ocultar, afirmar e negar a realidade posta. A concepção de discurso em torno da qual se estrutura a pesquisa tem como base os pressupostos de Michel Pêcheux, aproximando-se da análise das condições de produção que tornam possível um enunciado, abrindo-se para a dimensão social e histórica na qual ele se insere. Em sua obra *Análise Automática do Discurso* (1969) Pêcheux, traz à luz elementos fundamentais para o entendimento não apenas dos discursos isolados, mas da sociedade como um todo, considerando primordial o olhar para a exterioridade e os elementos que subscrevem as relações sociais. O sujeito é colocado no centro da discussão, sendo interpelado por três elementos: o inconsciente, a linguagem e a ideologia, isto é, o sujeito, conforme o autor, é descentrado, constituído e atravessado pela linguagem. Nesse sentido, a análise de discurso busca subsidiar, dar as bases, para o conhecimento do caráter histórico da linguagem, considerando esse campo como de constantes rupturas, levando a diversas reconsiderações no âmago do próprio fazer linguístico. Dito isso, o presente trabalho abordará o discurso do neoliberalismo acerca do sujeito empreendedor. Compreende-se que o discurso que promove o empreendedorismo o coloca frequentemente como uma forma de criar, por si mesmo, oportunidades de investir recursos e competências na criação de um negócio, projeto

1 Formada em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Possui especialização *latu sensu* em Políticas Sociais pela Faculdade Unina. Atualmente é graduanda de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Unicentro.

2 Possui mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2008). Professora Associada, do Departamento de Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Docente do Corpo Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO e da Universidade Federal do Paraná (UFPR).



ou movimento próprio, no qual a subjetividade do sujeito é moldada por ideais individualistas, meritocratas e pela primazia da iniciativa privada em relação às políticas públicas.

Palavras-chave: sujeito empreendedor; neoliberalismo; individualismo; AD.



A TRAJETÓRIA HISTÓRICO-SOCIAL E DISCURSIVA SOBRE A EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DOS SUJEITOS LGBTQIA+: LEGITIMAÇÃO, SILENCIAMENTOS, APAGAMENTOS OU DESCONSTRUÇÃO?

Adilson Carlos Batista¹
Maria Cleci Venturini²

A partir dos aportes teóricos da Análise de Discurso francesa Pecheuxtiana (PÊCHEUX, 2009; 2010; 2012), realizamos um gesto de interpretação, envolvendo leituras de textualidades que atualizam memórias discursivas sobre os sujeitos LGBTQIA+ significando-os como pecadores, criminosos e doentes. Para essa mesa-redonda é trabalhado o discurso do Papa sobre as uniões entre pessoas do mesmo sexo e uma mensagem de WhatsApp enviada a um sujeito LGBTQIA+. Os efeitos de sentidos ressoam pela língua na história por discursos constituídos por memórias que se repetem, se contradizem e instauram o rompimento e o equívoco que apaga, silencia e interdita os sujeitos ao longo da história no social. Interessa destacar os efeitos de sentidos de resistência aos processos de silenciamentos e de interdição a que foram submetidos, considerando como as memórias se atualizam no fio do discurso a partir de determinadas condições de produção e de filiações. Enfocamos, ainda, como esses sujeitos trabalharam o contradiscurso e conquistaram suas identidades como forma de resistência pela união de grupos, sublinhamos o processo histórico e discursivo de construção da Base Nacional Comum Curricular, movimentada por contradições devido à retirada das designações de gênero e de identidade de gênero, cuja culminância foi a censura aos sujeitos LGBTQIA+ na escola. Com essa prática, que é a do próprio Estado - Aparelho Ideológico de Estado (ALTHUSSER, 1974) – há o impedimento de esses sujeitos serem falados ou discursivizados, que legitima e configura a interdição, o silenciamento deles neste lugar, que é também um espaço de disputa de sentidos e de luta política.

Palavras-chave: Sujeitos LGBTQIA+; Memória; História; Silenciamento; Interdição.

1 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras Linguística, UFPR. E-mail adilsoncurt@gmail.com

2 Doutora, Programa de Pós-graduação em Letras (UFPR e UNICENTRO). E-mail mariaclavicenturini@gmail.com.



DENTRE OS VULNERÁVEIS, O SUJEITO HOMOSSEXUAL NO MUSEU DO HOLOCAUSTO DE BUENOS AIRES

Leandro Tafuri¹
Maria Cleci Venturini²

O trabalho que por ora se apresenta tem como referencial teórico a Análise de Discurso de orientação francesa, a qual, de acordo com as considerações realizadas por Michel Pêcheux (2009), se sustenta numa perspectiva discursiva materialista e, portanto, centra seus estudos nas condições de produção do discurso para, a partir delas, compreender a ação de um sujeito que pensa o que pode ser pensado, justamente porque está inserido num conjunto de possibilidades sócio-históricas. Destacam-se como objetivos deste trabalho: analisar discursivamente a construção da representação imaginária e identitária do sujeito homossexual no espaço discursivo do museu do Holocausto que pertence à rede LAES (Rede Latinoamericana para o Ensino do Holocausto), o Museo del Holocausto, de Buenos Aires, na Argentina; parte do arquivo que está em construção para a elaboração da tese, com vistas a historicizar e ressignificar os discursos acerca da homossexualidade, no período da Segunda Guerra Mundial, considerando os discursos que circularam antes em outros lugares e retornam pelos efeitos de pré-construídos. As materialidades obtidas por meio de uma visita virtual à página do referido museu, constroem, no trabalho de mediação simbólica entre sujeito e formação social, a história do cotidiano, do presente. Para garantir seu poder de convencimento, utilizam-se de estratégias discursivas que conferem aos seus textos valores de unidade e coerência. No entanto, longe de apresentar a realidade empírica o que os textos e imagens que circulam nesses aparatos nos oferecem é uma construção simbólica arbitrária, por meio da qual os sujeitos se relacionam com a realidade concreta. Ancoram nosso trabalho, autores como Orlandi (2001, 2007, 2011), Pêcheux (2006, 2009), Venturini (2009), Le Goff (2013), dentre outros. As análises encaminham para efeitos de sentidos em que o sujeito homossexual, assim como outros grupos minoritários, eram segregados, dizimados, aniquilados pelo regime nazista. Chama a atenção, dentro desse período, a maneira cada vez mais radical com que os nazistas procuravam lidar com aqueles que percebiam como inimigos do Reich, afetando, conforme Röss (2018, p. 157), outro grupo: os homossexuais, inimigos por serem minoria e por serem vistos como

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR, professortafuri@gmail.com

² Professora orientadora, UFPR, mariaclventurini@gmail.com



‘diferentes’. “Heinrich Himmler deixou clara sua atitude em relação aos homossexuais num discurso para os líderes da SS em 1937. Afirmou que um homossexual era ao mesmo tempo um ‘covarde’ e um ‘mentiroso’. ‘Infelizmente, não é tão fácil para nós quanto era para nossos ancestrais’ disse ele”. Essa facilidade a que ele se refere reside no fato de que os homossexuais eram afogados em um pântano, não como “punição, mas simplesmente o cancelamento de uma vida anormal” (idem). Em seu discurso, ainda, Himmler – chefe da SS – compara homossexuais a urtigas, que precisam ser arrancadas e, depois disso, atear-se-ia fogo. “Não era vingança, era só que a pessoa em questão tinha que desaparecer” (RESS, 2018, p. 157). Uma maneira prática para lidar com os homossexuais agora era que o equilíbrio sexual da Alemanha (RESS, 2018) havia sido desarranjado devido aos dois milhões de homossexuais no país – somados aos dois milhões de alemães mortos na guerra, o que indicaria uma carência de 4 milhões de homens sexualmente capazes no país. Aqui, o discurso das liberdades individuais é posto por terra, uma vez que não há garantias que esses “assuntos particulares” sejam tolerados.

Palavras-chave: Sujeito homossexual; Holocausto; Museu do Holocausto.



NOS DESLIMITES ENTRE PASSADO E PRESENTE: O HORROR EM CENA.

Marilda Aparecida Lachovski¹

A partir da noção de museu e memorial, amparada na perspectiva da Análise de Discurso, este trabalho busca refletir sobre os modos de dominação e horror inscritos na organização de práticas de linchamento e ações policiais, no Brasil. Instiga-nos a indagação sobre a definição e funções do memorial, não apenas como lugar de homenagem às vítimas, no caso do memorial construído em Jacarezinho, depois daquela que foi considerada a “maior ação policial”. Busca-se pensar o seu funcionamento como discursividade, uma vez que nele e por ele são estruturadas práticas de memória, ou seja, se estabelece uma relação conflituosa e inquietante entre o passado que está naquele espaço narrativizado e dado à mostra, e o presente que não cessa de inquirir respostas para práticas pautadas no ódio e na dominação do outro. Colocamos em análise não só a organização do memorial, e mobilizamos, amparadas na Análise de Discurso (AD), a nomeação e designação das vítimas das práticas punitivas de linchamento, bem como os trajetos de memória e história. Para nós, o memorial, como lugar de observação do discursivo, sinaliza para o atravessamento do jurídico, e para a falha dela, uma vez que sendo uma construção “em memória” das vítimas da comunidade, é a ação do Estado que o destrói e ameaça a permanência dessas vítimas, ainda resistindo em memória, no e pelo memorial.

Palavras-chave: Memorial; Discurso; Memória.

1 Doutora em Letras – Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. lachovskimarilda@gmail.com;



HISTÓRIA E MEMÓRIA EM (DIS)CURSO NO ESPETÁCULO DURA MÁTER: A DANÇA COMO RESISTÊNCIA

Aline Venturini

O foco desta pesquisa é a análise das narrativas greco-romanas de Pandora e de Vênus, considerando que ressoa a partir delas uma determinada perspectiva patriarcal ocidental em torno das mulheres. Abordamos, portanto, os mitos greco-romanos de Pandora e de Vênus no espetáculo *Dura Mater*, do grupo Al-Malgama, de Porto Alegre/RS. Nosso objetivo é buscar saber como no/pelo corpo das bailarinas ressoam memórias e representações da opressão feminina, que ressoa do sistema patriarcal. Consideramos, em torno destas narratividades, a história e a memória. Isso se dá através dos pressupostos teóricos da perspectiva feminista, de Rago (1998), sobre o orientalismo, através de Said (2007) e a de memória, de Pêcheux (1997), em uma metodologia bibliográfica e de pesquisa de campo com o grupo das bailarinas e seus materiais já publicados anteriormente via Youtube.

Palavras-chave: Pandora; Vênus; Dança Tribal-Fusion; Feminismo; Literatura



O COMBATE À VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR POR MEIO DA LINGUAGEM: ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS?

Cindy Mery Gaviolli-Prestes¹
Cláudia Maris Tullio²
Luciana Fracassi Stefaniu³

A presente mesa busca problematizar a questão da violência no espaço escolar a partir do conceito de violência proposto por Galtung (1969, p. 168) como sendo “a causa da diferença entre o potencial e o real (ou efetivo), entre o que poderia ter sido e o que é [...] “A violência é aquela que aumenta a distância entre o potencial e o real que impede a diminuição dessa distância.” Dessa forma, propõe-se o combate à violência no espaço escolar por meio da linguagem, afinal, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p. 288). Para tanto, traça-se o percurso discursivo refletindo, primeiramente, acerca da Educação em Direitos Humanos (EDH) e violência escolar: os caminhos pela/na linguagem, em que se apresentam os fundamentos e a história da EDH, além dos tipos de violência escolar segundo Ristum (2010) e a Cultura da Paz. Na sequência, aborda-se um tipo específico de violência ao expor uma reflexão sobre o combate ao *bullying* nas escolas. Posteriormente, comenta-se a respeito da linguagem na escola: a (des)construção do professor e do aluno, enfatizando a violência da Escola (RISTUM, 2010), em que os sujeitos da educação podem ser alternadamente autores ou vítimas da violência ratificando Foucault (1979) que afirma ser toda relação social, uma relação de poder. Ao final, reitera-se a importância da linguagem nas ações de combate à violência escolar, pois de acordo com Lopes (2013, p. 172), “o uso (e abuso) da palavra não fere somaticamente (ao menos de forma direta), mas pode servir para desinformar, manipular, controlar e estimular o ódio ou a indiferença”.

Palavras-chave: Violência; Violência Escolar; Direitos Humanos; Bullying; Professor; Aluno.

¹Doutora em Estudos Linguísticos. Unicentro. cprestes@unicentro.br

²Doutora em Estudos da Linguagem. Unicentro. cmaris@unicentro.br

³Doutora em Estudos da Linguagem. Unicentro. lfracassi@unicentro.br



O LUGAR DAS MULHERES NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO PARANÁ

Nincia Cecilia Ribas Borges Teixeira¹

Resumo: A escrita de autoria feminina hoje se insere no universo da crítica literária de uma forma que não permite a associação entre valores de ordem estética e outros medidos pela questão do gênero. A teoria literária feminista aponta para a importância da escrita de autoria feminina e reconhece o valor de tal produção diante do cânone literário formado quase que exclusivamente por homens. O estudo pretende proporcionar visibilidade acadêmica às escritoras paranaenses, (re)construindo, de certa forma, o cânone literário contemporâneo.

Palavras-chave: Escrita de autoria feminina; Literatura paranaense; Cânone literário

Por que falar sobre autoria feminina?

As investigações que analisam textos de autoria de mulheres têm levantado questões esclarecedoras e pertinentes sobre o sistema de representações operadas pelo construto da história literária. Isso deve-se ao fato de que seus fundamentos estão comprometidos com convicções estéticas, ao expressar valores ideológicos explícitos, mantenedores da invisibilidade no cânone da produção literária procedente da autoria de mulheres. Salienta-se a importância da revisão do discurso crítico, pois é ele o responsável, em última análise, pelo estabelecimento de quadros de referência que regulam as condições de recepção de obras dentro de um determinado contexto nacional, vindo a definir o que se entende por boa literatura e, portanto, a determinar que obras constituem a singularidade representativa, discursiva e simbólica da cultura nacional.

A situação que envolve as mulheres na contemporaneidade mudou bastante e continua se alterando, mas ainda vivemos as consequências de um silenciamento imposto às mulheres no transcorrer de séculos. As grandes editoras, por exemplo, publicam muito mais homens do que mulheres. Quando essas autoras falam sobre a literatura, enfatizando a escrita feminina, a proposta não é a de adjetivar a literatura produzida pelas mulheres, mas de reforçar a sua importância e fortalecer sua voz.

O lugar das mulheres na literatura

¹ Professora Associada da Universidade Estadual do Centro Oeste e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Coordena o Laboratório de Estudos Culturais, Identidades e Representação (LABECIR –UNICENTRO).



A literatura de autoria feminina no Paraná revela aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação. Na natureza representativa da literatura, está o seu modo de ser, de existir, dependente de sua função tanto artística como social em seu caráter documental.

Para Teixeira (2013), na tentativa de caracterizar o universo da literatura de autoria feminina, alguns atributos constitutivos devem ser destacados de modo a revelar um processo de criação exclusivo. Antes de tudo, emerge a questão da autoria da narrativa. Ela expressa uma posição diante do mundo e carrega um caráter de exclusivo, a renomada experiência feminina. Isso autoriza a presença do eu que escreve e narra, e que é portador de um ponto de vista próprio, que revela um olhar na perspectiva da mulher. Em segundo lugar, reitera-se deste sujeito narrador uma posição consciente acerca de seu papel social e do seu direito de expressão. Conclui-se disso uma função política, na medida em que tais autoras assumem sua posição de mulher nos processos de alteridade.

Ao se analisar um fenômeno social dentro das práticas nas quais ele está inserido, faz-se necessária a determinação de suas características nas diversas etapas históricas do desenvolvimento da vida em sociedade, ressaltando as mudanças, conforme as relações que ocorrem com o progresso científico e tecnológico. Nesse sentido, a histórica trajetória feminina não pode ser entendida como uma sucessão de fatos no tempo, mas como o modo que a sociedade, em condições determinadas, cria os meios e as formas de existência social, política, econômica e cultural. Na formação da sociedade paranaense, pode-se visualizar traços culturais variados e distintos que se mesclaram e deixaram marcas no comportamento provinciano e conservador de seu povo, especialmente, quanto se refere à conduta feminina. O comportamento da mulher paranaense, conforme o lugar que ocupa dentro dessa sociedade, é permeado de regras e traços de uma sociedade agrária, que exige um comportamento recatado e doméstico próprio dos costumes da vida nas fazendas, regras que estão enraizadas não só na classe dominante, mas que também orientam o comportamento das famílias de classe alta e média, as quais exigem que a mulher tenha uma "boa formação": escolas religiosas e façam um casamento com bons partidos. Mas, na realidade, sob o manto da permissividade ou do respeito a todas as expressões individuais e coletivas, está um Paraná austero, conservador em suas práticas políticas e sociais, um estado vigilante de seu código patriarcal. Talvez, por toda essa



atmosfera, recrudescam e se perpetuem as regras patriarcais que regiam o comportamento da mulher no século passado.

Apesar das conquistas e de significarem mais de 44% do mercado de trabalho no Paraná, as mulheres continuam enfrentando obstáculos para a ascensão profissional. O rendimento das mulheres é 42% inferior ao dos homens. As trabalhadoras ainda recebem menos porque se inserem profissionalmente em ocupações de menor remuneração, produtividade e prestígio social. Os segmentos que mais absorvem força de trabalho feminina são os mais desvalorizados no mercado de trabalho e os que tendem a propiciar remunerações mínimas, como o setor de saúde, educação e serviços pessoais, principalmente o emprego doméstico. A entrada de qualquer bandeira feminista foi sempre dificultada por essa mentalidade hegemônica, misto de ideologia agrário-burguesa com a regência da Igreja.

A exclusão histórica da autoria feminina no campo institucional da literatura, em especial no Paraná, foi resultado de práticas culturais que privilegiaram a enunciação do sujeito dominante da cultura, o sujeito masculino. As causas do silêncio envolvendo a história literária da mulher encontram-se nos preconceitos que sempre cercearam a escrita feminina. Frutos da ideologia patriarcal opressora, as representações do feminino na literatura de autoria feminina paranaense, estão calcadas, em grade medida, em apreciações de ordem moral e valorativa e em modelos de comportamentos impregnados do espírito patriarcal da nossa cultura.

Considerações Finais

Durante séculos, a sociedade paranaense tratou o lugar da mulher na produção literária como aquele sem importância. Diante do contexto social vigente, a mulher era caracterizada pela passividade, pela capacidade de servirem de inspiração para escritores que configuravam o cânone universal. Segundo Michelle Perrot (1989), as vias de escrita para as mulheres sempre foram de difícil acesso. Muitos obstáculos impediram o florescimento de uma escrita de autoria feminina, nomeadamente questões de ordem social e moral. Mas, apesar de tantos obstáculos, atualmente há uma produção bastante abrangente no estado do Paraná com destaque para nomes como Andréia de Carvalho Gavita, Samantha Beduschi, Susan Santana, Susan Blum, Giovana Madalosso, Jaqueline Conte. Pode-se afirmar que não é possível se falar em identidade feminina paranaense e sim em identidades femininas paranaenses, uma vez que, como afirma Butler (2003), há uma multiplicidade muito grande de



perfis femininos, que podem variar de acordo com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

PERROT, M. **Práticas da Memória Feminina**. Revista Brasileira de História, v. 8, n. 18, p. 9-18, 1989.

TEIXEIRA, Nínia Cecília Ribas Borges Teixeira. Letras e silêncio: a escrita de autoria feminina no Paraná. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 35, n. 1, p. 55-62, Jan.-Mar., 2013



AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS NA OBRA CINEMATOGRAFICA A GAROTA DA CAPA VERMELHA

Michele Teresinha Furtuoso¹
Cláudia Maris Tullio²

Resumo: Esta pesquisa é baseada na teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003) e na teoria da Identidade (HALL, 2006) para analisar a obra cinematográfica *A Garota da Capa Vermelha* (2011). O objetivo geral da pesquisa é verificar de que forma os estereótipos sociais são abordados pelo senso comum ao longo da história e como esses fenômenos são tratados no cinema. Como objetivos específicos, observamos como se dá a (re) construção das identidades dos personagens no filme. O aparato teórico-metodológico trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter interpretativista, bibliográfico centrada nos estudos de Moscovici (2003) e Hall (2006) e documental do filme citado. Esse *corpus* é justificado pela necessidade de aprofundar os estudos acerca do cinema em sala de aula, e discorrer sobre a representação identitária. Trazer à tona a função precípua de educação pelo exemplo ríspido, o enfoque, de certo modo sexual, dado na primeira escrita do conto de fadas da *Capinha Vermelha* e abordar a obra cinematográfica *A Garota da Capa Vermelha* se faz de suma importância e de valor relevante na produção científica acadêmica.

Palavras-chave: Cinema; Conto De Fadas; Representação Social; Identidade

Introdução

Nesta pesquisa consideramos o cinema como uma prática discursiva, que possibilita a aprendizagem de percepção da representação social, como cita Duarte (2002, p. 52):

Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido. Mesmo aqueles cuja linguagem ou estrutura de significação escapam aos padrões convencionais ou que retratam hábitos e práticas distintas daqueles com os quais estamos familiarizados podem ser bem assimilados é compreendido por nós, pois nosso entendimento é permanente mediado por normas e valores da nossa cultura e pela experiência que temos com outras formas de narrativas.

O excerto de Duarte diz muito sobre a utilidade do cinema na prática cognitiva dentro de uma sala de aula, pois a narrativa cinematográfica consegue transformar uma lenda puramente oralizada em uma imagem real, enfatizando o tema tratado.

Podemos dividir, a priori, em duas grandes searas a utilidade das obras cinematográficas em sala de aula: a mensagem que pode ser transmitida e a concretização visual de um conteúdo antes puramente imaginativo.

¹ Graduanda, UNICENTRO, michelefurtuoso@hotmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem, UNICENTRO, cmaris@unicentro.br



No presente *corpus*, trabalharemos a linguagem e a reconstrução da identidade social na obra cinematográfica *A Garota da Capa Vermelha* (2011) sob o prisma das teorias de Hall (2006) e de Moscovici (2006).

O objetivo geral da pesquisa é verificar de que forma os estereótipos sociais são abordados pelo senso comum ao longo da história e como esses fenômenos são tratados no cinema. Como objetivos específicos, observamos como se dá a (re)construção das identidades dos personagens no filme. O aparato teórico-metodológico trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter interpretativista, bibliográfico centrada nos estudos de Moscovici (2003) e Hall (2006) e documental do filme citado.

Desenvolvimento

A concepção de identidade difere conceitualmente entre os dois autores basilares da presente pesquisa. Ambos teceram hipóteses sobre o mesmo objeto, que é a identidade social, mas chegaram a conclusões um pouco discordantes. Esta visão dicotômica acerca do mesmo tema é de extrema valia para os pesquisadores em geral, visto que o contraditório se faz essencial no método científico.

Para Hall (2006), o indivíduo é composto por várias identidades, construídas através da diferença de gênero, raça, etnia, profissão e religião. As identidades vão se formando conforme as práticas discursivas são feitas ao grupo no qual o indivíduo se insere.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um eu carente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

A identidade que está em um processo contínuo de mudança e que se evidencia por meio da consciência da diferença mostrando, dessa forma, todas as mutações que acontecem com o indivíduo.

Para Hall, existem três tipos de sujeito, o sujeito do Iluminismo, o sujeito Sociológico e o sujeito Pós-Moderno. O sujeito do Iluminismo é aquele que possui convicções desde o nascimento e escolhe permanecer com estas intocadas ao longo de toda a sua vida.



Ao contrário do Iluminista, o sujeito Sociológico não é suficiente para si próprio, sentindo a necessidade de estar em grupo para estar completo. Para fazer parte desses grupos ele acaba se moldando conforme a filosofia da comunidade na qual está se inserindo.

Diferente dos sujeitos anteriores, o sujeito Pós-Moderno está sempre renovando suas características pessoais. Vinculando-se a vários grupos, independente da cultura, raça, religião ou gênero. Em cada um desses grupos ele assume uma identidade formada por esse círculo, mas um grupo não é excludente um do outro, uma vez que o sujeito aglutina para si características de cada grupo.

As teorias das representações sociais tratam da produção dos saberes sociais, e vale frisar que o conceito de representação social foi concebido por Emile Durkheim (1978). As Representações Sociais de Moscovici (2003) tratam do indivíduo inserido em um grupo com relações mútuas entre o sujeito e o objeto de estudo. O autor crê que cada indivíduo é capaz de discernir entre o certo e o errado sozinho, entretanto tende a agrupar-se com outros sujeitos, planificando de maneira rasa o grau de conhecimento de todos os membros da referida bolha.

[...] há a convicção, expressa principalmente na psicologia da massa, que as pessoas reunidas em um grupo podem ser consideradas como sofrendo mudanças em suas qualidades psíquicas, perdendo algumas e adquirindo outras. Ou mais precisamente, assume-se que as pessoas se comportam de maneira correta e racional sozinhas, mas tratam-se imorais e irracionais quando agem em grupo (MOSCOVICI, 2003, p. 170).

Pode-se exemplificar a psicologia da massa quando se observa casos de linchamento em que uma pessoa começa a violência e o grupo adere ao ato.

Na atualidade, os contos de fadas têm um papel lúdico para as crianças, tendo como finalidade tecer um cenário positivo na vida cotidiana, tanto da criança, quanto do adulto. O filme *A Garota da Capa Vermelha* é uma adaptação do conto *Chapeuzinho Vermelho*, escrito por Charles Perrault que foi produzida para o cinema.

A primeira versão de *Chapeuzinho Vermelho* foi escrita por Charles Perrault, intitulada *Capinha Vermelha*, porém o título que é mais conhecido *Chapeuzinho Vermelho*, foi escrito por Jacob Grimm e Wilhelm Grimm. Na história escrita por Perrault, o lobo pede para que *Chapeuzinho Vermelho* deite ao seu lado na cama, como cita Bettelheim (1997)

Na história de Perrault, o lobo não se disfarça de avó. Simplesmente deita-se na cama dela. Quando *Capinha* chega, o lobo pede-lhe que se deite com ele. *Capinha vermelha* tira a roupa e entre na cama, quando então se espanta com a aparência desnuda da avó e exclama: “Vovó, que braços enormes você tem!”, ao que o lobo responde: - “São para te abraçar melhor!” – *Capinha* então diz: - “Vovó, que pernas grandes você tem!”



– e recebe como resposta: - “São para correr melhor” – Seguem-se a esses dois diálogos (que não ocorrem na versão dos Irmãos Grimm) perguntas bem conhecidas sobre os olhos orelhas e dentes grandes da avó. O lobo responde a essa última pergunta dizendo: “São para lhe comer melhor”. – E, pronunciando essas palavras, atira-se sobre Capinha Vermelha e a devora. (BETTELHEIM, 1997, p. 7).

Em seus primórdios, os contos de fadas tratavam de problemas da sociedade da época, tratando de temas sensíveis de maneira dura e pouco lúdica. Como foi o caso de Chapeuzinho Vermelho escrito por Perrault. Em sua grande maioria, as histórias tratavam da dura realidade da época, retratando problemas econômicos, sociais e até sanitários, e isto não pode ser deixado de lado na análise do tema.

Partindo para a análise do filme que nos serve de objeto de análise, percebemos vários aspectos que são teorizados pelos escritores supracitados. Valerie, protagonista do filme, foi educada para obedecer às regras cegamente, sem qualquer tipo de questionamento, entretanto ela sempre as quebrava. Sempre foi apaixonada por um simplório lenhador de nome Peter, entretanto foi prometida em casamento ao filho do ferreiro chamado Henry. Segundo sua mãe, Henry poderia lhe proporcionar uma vida mais melhor, pois o ferreiro era um homem de mais posses.

Cabe ressaltar que, na idade média, era comum as mulheres casarem-se sob o argumento apresenta pela mão, pois os casamentos eram arranjados pelas famílias. Cabia a moça simplesmente aceitar o destino.

Mostra-se claro nesta situação o senso comum da época, onde as mulheres eram destinadas por terceiros a se casarem com alguém por conveniência. Ao rebelar-se contra tal prática, Valerie quebra a bolha, expõe tal comportamento que passava até despercebido pelos membros do grupo que estavam inseridos. Como apregoa Moscovici (2003), o senso comum dita o comportamento da coletividade, e a prática de casamentos arranjados retratada no filme é um exemplo claro disto.

Ao rebelar-se contra a prática de casamentos arranjados por conveniência, a personagem declara o amor dela por Peter e propõe que os dois fujam do vilarejo. Percebe-se nesta conduta que a personagem não aderiu ao pensamento do senso comum e formou sua própria identidade, com base no que ela acreditava ser melhor para ela. Se faz destacada a ideia de Hall (2006) nesta parte, pois evidencia o conceito de “Descenração” da construção da identidade, uma vez que a personagem estava imersa em uma cultura onde os casamentos eram arranjados e decidiu



por si própria ignorar tais costumes e declarar seus sentimentos a alguém que não lhe havia sido prometido casamento.

Mais adiante no filme, a protagonista é acusada de bruxaria por ter a habilidade incomum de se comunicar com o lobo. Ela é forçada a usar uma máscara de ferro em praça pública como sinal de vergonha, onde as pessoas a chamaram em coro de bruxa, ficando todas a favor do padre Salomon.

Quando a protagonista não se curva aos costumes que são a ela impostos e não abre mão do que acredita mesmo que seja totalmente dicotômico ao que se pratica no grupo, o filme nos deixa claro a ideia apregoada por Hall (2006) de que a formação da identidade do sujeito passa por um processo de mutação constante e que não emana mais de um único núcleo rígido e incontestado.

Considerações Finais

Ao fim das observações, reflexões, leituras e escrita sobre o filme embebido em toda a teoria dos autores supracitados, podemos concluir que o tema é vasto, profundo, complexo e ainda está longe de ser esgotado.

A divergência de pensamento sobre o assunto dos dois autores que nos dão o norte teórico enriquece e muito o debate, elevando o nível da análise e nos dando ferramentas poderosas para o trabalho laborioso de aplicar conceitos tão complexos e pertinentes em uma obra cinematográfica tão difundida e proporcionalmente incompreendida.

Trazer à tona a função precípua de educação pelo exemplo ríspido, o enfoque, de certo modo sexual, dado na primeira escrita do conto de fadas da Capinha Vermelha e abordar a obra cinematográfica “A Garota da Capa Vermelha” se faz de suma importância e de valor relevante na produção científica acadêmica.

Referências

BETTELHEIM, B. **Na terra das fadas**: análise dos personagens femininos (extraído da obra *A psicanálise dos contos de fadas*). Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CHARLES, Perrault [1628-1703]. **Contos da mamãe gansa ou outras histórias do tempo antigo**: Charles Perrault. Título original: *Les contes de ma mere I'Oye – Histoires ou Contes du temps passé*. Trad. Leonardo Fróes. Ilustração: Milimbo. Posfácio: Michel Tournier. São Paulo: Cosac Naify, 2015, 65 ils.



DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 128p. – (Temas e Educação, 3).

HALL, Stuart. **Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira-11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerad Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes 2003.



FIONA APRISIONADA: OS DISCURSOS QUE CONSTROEM VERDADES E SUBJETIVIDADES A PARTIR DOS CONTOS DE FADA

Érika Adriely Müller Rodrigues¹
Denise Gabriel Witzel²

Resumo: O trabalho a seguir tem como base teórica e metodológica os Estudos Discursivos Foucaultianos e trata-se de uma pesquisa de iniciação científica em andamento. O filósofo Michel Foucault, em busca de responder à questão de subjetividade e verdade, diz que a subjetividade não é “concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito [...]. A subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na relação que ela tem com a própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade” (FOUCAULT, 2016, p. 13). Nesse sentido, tomando como objeto de análise o filme *Shrek* (2001), temos como objetivo responder, a partir do cárcere da personagem Fiona, “como a mulher é subjetivada nesse filme?”. Através de um percurso que retorna a começos relativos, buscando, fundamentalmente, “definir relações que estão na própria superfície dos discursos” (FOUCAULT, 2020). Ademais, discutiremos sobre a importância de estudos a partir dos contos de fada, através das contribuições de Nelly N. Coelho (1987) e Mário Corso e Diana L. Corso (2006), e sobre a importância de continuar a escrever uma história das mulheres, dando voz àquelas que viveram tempo demais num lugar de invisibilidade.

Palavras-chave: Estudos Discursivos Foucaultianos; *Shrek*; Princesa Fiona; aprisionamento feminino.

Introdução

O trabalho a seguir tem como base teórica e metodológica os Estudos Discursivos Foucaultianos e trata-se de uma pesquisa de iniciação científica em andamento.

Quando Michelle Perrot começa a escrever, ou melhor, contar a história das mulheres, ela propõe que escrever uma história das mulheres é “sair do silêncio em que elas estavam confinadas” (PERROT, 2008, p. 16). Afinal de contas, durante muito tempo, as mulheres foram confinadas aos serviços domésticos e submetidas a viver escondidas. Submetidas à invisibilidade, envergonhando-se de sua natureza e, muitas vezes, roubadas em sua própria sexualidade. Nesse sentido, consideramos que o trabalho a seguir tem como um de seus objetivos dar voz à história das mulheres. Dar continuidade ao trabalho de luta e resistência de um corpo que se recusa a viver subjugado, escondido e silenciado.

Nosso objeto de análise trata-se da materialidade fílmica *Shrek*. Filme lançado em 2001, sob a direção de Vicky Jensen e Andrew Adamson, e que conta a história de um ogro do pântano chamado Shrek. Em dado momento, o personagem Shrek é designado a uma missão: resgatar

¹Graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), integrante do Laboratório de Estudos do Discurso da Unicentro (LEDUNI), erikarodrigues@unicentro.br

²Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Coordenadora do Laboratório de Estudos do Discurso da Unicentro (LEDUNI), denise@unicentro.br



uma princesa da torre mais alta de um castelo. A princesa em questão é Fiona e, portanto, a partir do cárcere de Fiona, analisaremos as possibilidades de existência e as verdades que se constroem a partir das subjetividades que atravessam a recorrência de aprisionamentos femininos nos contos de fada - considerando que os contos de fada desempenham uma função social ancorada em certas tradições que presidem o ser mulher desde a noite dos tempos, visando ensinar às mulheres como se comportar e quais os perigos de não se casar.

Desenvolvimento

A pesquisa apoia-se, teórica e metodologicamente, nos Estudos Discursivos Foucaultianos. Portanto, olharemos para os discursos não como representações, temas ou mesmo manifestações ocultas de algo exterior a ele, mas olharemos para os próprios discursos “enquanto práticas que obedecem a regras” (FOUCAULT, 2020), olharemos para o discurso enquanto monumento. Além do mais, de acordo com o método arqueológico proposto por Foucault, segundo o qual analisar a língua/linguagem implica considerar a relação entre, discurso, sujeito e história. Portanto, a arqueologia permite-nos realizar um recuo na história a fim de interrogar o já dito em sua existência, além de compreender as relações entre subjetividade e verdade, para enfim entender como se constroem verdades e subjetividades a partir dos contos de fada.

Com um olhar direcionado à prática de aprisionamento feminino nos contos de fadas, e a partir da materialidade filmica *Shrek* (2001), o presente trabalho tem como objetivo primeiro responder ao questionamento “como a mulher é subjetivada nesse filme?”. Além disso, buscaremos entender como se constroem verdades – no sentido foucaultiano do termo – que pressupõe que essas personagens femininas precisam ser resgatadas.

Ademais, também analisamos as estratégias que controlam os sentidos e as verdades sobre o sujeito mulher, conforme as pesquisas e discussões de Michelle Perrot em *Minha História das Mulheres*.

Considerações Finais

Por que analisar conto de fadas? Conforme Nelly N. Coelho em *O conto de fadas*, os contos maravilhosos e fantásticos são “portas que se abrem para determinadas verdades



humanas” (1987, p. 9). Através de análise da construção contemporânea do que se entende como conto de fadas, entendemos que as histórias contadas tem um importante papel na construção e no desenvolvimento da subjetividade humana. É através da fantasia que as pessoas projetam e refletem sobre suas vidas. Embora o público alvo dos contos de fada não tenham sido crianças (as versões modernas dos contos de fadas datam do século XIX), Corso & Corso (2006, p. 20) escrevem que “embora muita coisa tenha mudado no reino dos homens, parece que certos assuntos permaneceram reverberando através dos tempos”.

Em *Shrek* (2001) a princesa Fiona aparece presa em um castelo guardado por um dragão e cercado por um mar de lava. Um fato sabido, tanto por ela quanto pela sociedade representada no filme, é que ela não poderia sair sozinha. A mulher, portanto, aparece aqui não como um sujeito igual ao príncipe, por exemplo, mas como um ideal a ser alcançado. Não um sujeito com vontades, conhecimentos, desejos, interesses, mas como um troféu que se alcança após vencer os obstáculos.

Conforme Coelho (1987, p. 13), aparece uma busca inversa em contos nórdicos e eslavos, na qual a princesa sai em busca do príncipe, enfrentando terríveis provações a fim de desencanta-lo, mas entendemos que em uma sociedade patriarcal, há cada vez menos espaço para tal versão, já que “contraria a *idealização da mulher*, que está na base da civilização cristã”.

Dessa forma, segue-se a propagação de um ideal feminino: a mulher sempre subjetivada como frágil, inocente, dependente e submissa. Além disso, no âmbito de ideal a ser alcançado, percebe-se que a princesa nunca pertence a si mesma: ela pertence ao pai, que a aprisiona, e passa a pertencer ao príncipe que a resgata.

Referências

- COELHO, Nelly N. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1987.
- CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SHREK**. Direção: Vicky Jenson; Andrew Adamson. Produção: PDI/DreamWorks. DreamWorks Pictures, Estados Unidos 2001.



O ACONTECIMENTO PATRIMONIAL SIGNIFICADO E RESSIGNIFICADO PELO(S) SUJEITO(S) E OS SENTIDO(S)

Daiane Corrêa da Silva¹
Maria Cleci Venturini²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir a relação entre sujeito, objeto e memória, partindo do pressuposto teórico de Michel Pêcheux, da Análise de Discurso francesa, que considera o discurso “um acontecimento discursivo” (PÊCHEUX, 2015) e “um efeito de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2019). De acordo com Pêcheux (2015, p. 53), todo o enunciado constrói uma estrutura linguística descritiva, que oferece um possível lugar de deriva de sentidos, logo um espaço de interpretação e, neste lugar, a AD pretende trabalhar o discurso. Apresentaremos o projeto de pesquisa do doutoramento, mostrando as relações entre a AD, o estudo do Patrimônio Cultural e o do Espaço Urbano. Faremos um breve gesto de interpretação para identificar os movimentos de sentidos em diferentes domínios do conhecimento, o que significa e ressignifica os discursos sobre a cidade de São Francisco do Sul/SC, aproveitando como recorte discursivo páginas, postagens e comentários no aplicativo instagram que remetem de alguma forma aos acervos históricos, culturais ou ambientais da cidade. Para mobilizar os conceitos da AD trazemos Pêcheux (2014, 2015, 2019), Orlandi (1996, 2004, 2020), Venturini (2009). Deslocamos os estudos do Patrimônio Cultural e do Espaço Urbano pelo viés da história e da Cultura, partindo de De Certeau (2020) e Robin (2016).

Palavras-chave: Acontecimento discursivo; Patrimônio Cultural; Espaço Urbano; Sujeito(s); Sentido(s).

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de discutir a relação entre sujeito, objeto e memória, partindo do pressuposto teórico de Michel Pêcheux, da Análise do Discurso francesa, que concebe o discurso como “um acontecimento discursivo” (PÊCHEUX, 2015) e “efeito de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2019). De acordo com Pêcheux (2015, p. 53), todo o enunciado se estrutura por uma base linguística e por processos discursivos, instaurando um possível lugar de deriva de sentidos, logo um espaço de interpretação, que envolve sujeitos e a ideologia. Considera-se, portanto, que o Patrimônio Cultural e o Espaço Urbano em suas manifestações, configuram-se como acontecimento discursivo, tal como foi concebido por Pêcheux (2015).

Desenvolvimento

O nosso projeto de pesquisa do doutoramento prioriza as relações entre a AD, o estudo do Patrimônio Cultural e o do Espaço Urbano, fazendo os deslocamentos demandados por domínios do conhecimento que são distintos, mas se constituem como discurso. Propomos,

¹ Doutoranda, PPGL/UFPR, turma 2021, daia-correa@hotmail.com

² Profa Dra Maria Cleci Venturini, UNICENTRO, marialeciventurini@gmail.com



nesta nossa intervenção, fazer um breve gesto de interpretação para saber como os movimentos de sentidos entre sujeitos, Patrimônio Cultural e Espaço Urbano significam e ressignificam os discursos sobre a cidade de São Francisco do Sul/SC. Os recortes discursivos constituem-se por páginas, postagens e comentários do aplicativo instagram que remetem de alguma forma aos acervos históricos, culturais ou ambientais da cidade.

As postagens no instagram dão visibilidade ao funcionamento da memória como um dos conceitos da AD, demandado que se recorre a Pêcheux (2014, 2015, 2019), Orlandi (1996, 2004, 2020), Venturini (2009). Foi necessário, diante dos estudos do Patrimônio Cultural e do Espaço Urbano pelo viés da história e da Cultura, partindo de De Certeau (2020) e Robin (2016) realizar alguns deslocamentos significativos. Assim, deixamos em suspenso a memória saturada, perguntando o que significa e o que instaura efeitos de sentidos entre locutores, sendo necessário compreender as fissuras e a resistência dos sujeitos e dos discursos que circulam e instauram efeitos de sentidos.

De acordo com Orlandi (2004) a cidade se significa e produz sentidos:

A cidade tem assim seu corpo significativo. E tem nele suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os grafitos, pichações, inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos. (ORLANDI, 2004, p. 31)

Como citado anteriormente, trazemos para esta análise recortes discursivos mostram um certo efeito de regularidade, trazem evidências quanto à narrativa de “descobrimento”, “colonização” e “desenvolvimento”. Trazem uma certa regularidade nos efeitos sentidos sobre o Patrimônio Cultural e Ambiental.

Abaixo, segue o primeiro recorte, nele observamos referência a Baía da Babitonga, baía formada na costa de São Francisco do Sul/SC. A Baía da Babitonga tem importante papel na atividade portuária do município, nela se localiza o Porto de São Francisco do Sul, ativo há 65 anos. As atividades comerciais na Baía da Babitonga datam de muito antes das atividades portuárias do novo porto, podemos dizer que elas iniciaram desde o período do “descobrimento” e “desenvolvimento” da cidade. O hostel tem o nome que faz referência a este acervo histórico, cultural e ambiental de São Francisco do Sul. A postagem remete à aspectos ambientais e tenta causar um efeito de engajamento ambiental e pertencimento.

Texto-imagem 01 – Postagem do Hostel Babitonga



Fonte: Arquivo próprio

sequências discursivas:

SD1: Viemos para gerar impacto positivo, ambiental e social em São Chico

SD2: Sejam muito bem-vindos babitonguers!

Na SD1, há referência à cidade de São Francisco do Sul, quando destaca “São Chico”, que é o apelido dado para o nome da cidade. São Francisco do Sul/SC tem esta narrativa de cidade histórica, com belezas naturais e apreciada pelos turistas. Quando a cidade é chamada de “São Chico” causa o efeito de proximidade e pertencimento.

Por essa SD1, ressoam efeitos de sentido de novidade, início de atividades, observamos isso na palavra “viemos”. Mostra que o hostel iniciou as atividades no município, buscando trabalhar com algumas referências: ambiental e social. Este efeito se diferencia do efeito causado por outro enunciado, por exemplo:

Ex: Viemos para gerar impacto positivo, social em **São Francisco do Sul/SC**.

Ex: **Estamos aqui há 10 anos** para gerar impacto positivo, ambiental e social em São Chico.



Com relação às sequências discursivas acima é relevante destacar que a SD1 diferencia-se da outra sequência, mas mesmo assim, por meio delas se estabelecem efeitos de sentido de novidade, por demonstrar que está se instalando na cidade, pertencendo ao espaço urbano.

Quanto à regularidade que estávamos tratando, tanto a SD1 e SD2 trazem elementos que tratam de alguma forma do acervo histórico, cultural e ambiental de São Francisco do Sul/SC. Por exemplo: “São Chico” e “babitonguers”. Pelo nome “São Chico” ressoa a São Francisco do Sul/SC, a cidade querida dos turistas. E o termo “babitonguers” que se presentifica à Baía da Babitonga. E o termo “babitonguers” e pela posição sujeito, que autoriza nomeação e designação de sujeitos ou nome e estas, não são aleatórias, mas parte da apropriação da formação social. A Baía da Babitonga, formação marítima importante para as atividades portuárias e ponto crítico de discussões no que tange a preservação ambiental.

De acordo com Pêcheux (2015, p.115), ao discutir sobre o terceiro elemento- depois dos exames realizados na teoria Frege-, “o funcionamento das representações e do “pensamento” nos processos discursivos”, ou seja, o funcionamento das formações imaginárias. O imaginário acerca de um objeto se reforça pelas memórias coletivas que se estabelecem sobre ele, circulam, modificam ou não os sentidos acerca deste mesmo objeto.

Tanto a SD1 quanto a SD2 reforçam imaginários que retomam a uma memória coletiva, por vezes saturada, sobre o Patrimônio Ambiental. Acreditamos que este mesmo movimento acontece nos estudos do Patrimônio Cultural e do Espaço Urbano. Segundo Orlandi (1996, p.117):

Quer dizer, do ponto de vista da análise do discurso, o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que se esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção, que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso (ORLANDI, 1996, p.117)

Considerações Finais

Encerramos esta breve análise, que será complementada em artigo, destacando alguns pontos a considerar:

Há regularidade de sentidos no que se discursiviza sobre o patrimônio ambiental, frisando os aspectos positivos dos bens ambientais.



Observa-se esta mesma regularidade de sentidos no que se refere ao Patrimônio Cultural (Conjunto Urbano e Paisagístico), destacando os aspectos arquitetônicos, diversidade cultural e histórica dos bens materiais.

Para finalizar, observa-se a mesma regularidade ao destacar as atividades econômicas geradas pelo turismo, pelas atividades portuárias e de prestação serviços, considerando um território em plena expansão econômica.

Para este texto deixamos em suspenso esta memória saturada, constituída por repetições e, que no jogo de sentidos marca uma falta, uma narrativa que não foi contada, a narrativa dos “invisíveis”. Segundo Orlandi (2004, p. 83):

A cidade é um espaço significante, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória. Quando se fazem certos gestos em relação a essa memória, se está transformando, modificando, ou não, essa memória. Ou se está retificando essa memória ou se está rompendo com ela. E o que acontece então?

Deixamos em suspenso ainda, as formas de resistência e o que elas representam. Deixamos em suspenso “O que acontece então?”. Estes dois pontos suspensos direcionam para outro trabalho, para futuras análises e para outras significações dos sujeitos, do Patrimônio Cultural e do Espaço Urbano.

Referências

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Morar e cozinhar**. 12. ed. São Paulo: Vozes, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2020.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues. Sujeito, espaço urbano e ambiente no discurso de resistência. *In*: VENTURINI, Maria Cleci; TEIXEIRA, Maria Claudia; TAFURI, Leandro. (orgs.). **Museus, arquivos, patrimônio e espaço urbano em (dis) curso**. Campinas, SP: Pontes, 2021. p. 189-206.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.



PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

ROBIN, Régine. **Memória Saturada**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

VEDOVATO, Luciana; RAGIEVICZ, Matheus França; FERRAÇA, Meirielly. Usos da memória e do esquecimento: borba gato entre estátua e cinzas. *In*: VENTURINI, Maria Cleci; TEIXEIRA, Maria Claudia; TAFURI, Leandro. (orgs.). **Museus, arquivos, patrimônio e espaço urbano em (dis) curso**. Campinas: Pontes, 2021. p. 207-226.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário Urbano: espaço de rememoração/comemoração**. Passo Fundo, RS: Editora UPF, 2009.



CICLO DE PALESTRA V – LETRAS E RESISTÊNCIA: A EXTENSÃO NO CURSO DE LETRAS EAD

Cláudia Maris Tullio¹

Resumo: O presente texto tem como objetivo fazer um relato de experiência acerca do projeto de extensão “Ciclo de Palestra V – Letras e Resistência”, promovido pelo Curso de Letras EaD e que visa possibilitar aos alunos matriculados no Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, modalidade a distância, vinculados aos polos de Apucarana, Assaí, Campo Largo, Engenheiro Beltrão, Guaraniaçu, Santo Antonio do Sudoeste e Siqueira Campos, discutir/refletir sobre diferentes temáticas da área referente ao Curso em que se licenciam. Sendo assim, as palestras presenciais, ministradas por docentes vinculados ao Curso de Letras EaD, versam sobre a educação, a língua materna e a literatura no contexto do ensino. Cabe ressaltar que o Curso de Extensão se encontra em sua 5 (quinta) edição sendo, portanto, tradicional e importante tanto para a comunidade acadêmica quanto para os docentes. Quanto aparato teórico metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e interpretativista, bibliográfica centrada em Candido (2011), Antunes (2007) e Orlandi (2012), e estudo de campo a partir dos relatos de experiência dos acadêmicos e docentes envolvidos no projeto. Este encontra-se em andamento até outubro do presente ano, porém é possível afirmar a sua importância tanto para consolidar a prática extensionista no curso, quanto para aproximar a comunidade acadêmica e propiciar a discussão e reflexão acerca de temas pertinentes à área de Letras e Ensino.

Palavras-chave: Extensão; Ciclo de Palestras; Letras.

Introdução

O conhecimento, no âmbito da Universidade, se dá para além das práticas de ensino desenvolvidas em sala de aula. O aluno aprende/ reflete sobre sua área quando inserido em atividades de pesquisa, como em projeto de iniciação científica, e outras atividades, tais como seminários, palestras, monitorias, extensão, congressos (...)

Assim, a Universidade precisa possibilitar aos estudantes eventos que configurem tais práticas. Nesse viés, o projeto de extensão se justificou por possibilitar aos alunos do Curso de Letras, modalidade a distância, matriculados nos polos de Apucarana, Assaí, Campo Largo, Engenheiro Beltrão, Guaraniaçu, Santo Antonio do Sudoeste e Siqueira Campos um ciclo de palestras, as quais versam sobre diferentes temáticas, a fim de possibilitar aos estudantes uma formação extracurricular.

Quanto aparato teórico metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e interpretativista, bibliográfica centrada em Candido (2011), Antunes (2007) e Orlandi (2012), e estudo de campo a partir dos relatos de experiência dos acadêmicos e docentes envolvidos no projeto.

¹Doutora em Estudos da Linguagem, UNICENTRO, claudiamaris@unicentro.br.



Desenvolvimento

A graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, modalidade a Distância, ofertada pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), objetiva formar profissionais críticos capazes de exercer a função docente de forma investigativa e desempenhar papel de multiplicador, formando críticos, intérpretes, tradutores e produtores de texto de diferentes gêneros e registros linguísticos, culturais e estéticos, integrando o conhecimento científico com a realidade na qual esteja inserido.

Para isso, sustentado pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, desenvolve-se nos cursos de Letras da instituição, ao longo do processo formativo, práticas qualificadoras norteadas por princípios teórico-metodológicos advindos de duas grandes áreas do saber: a Linguística e a Literatura, com todas as suas ramificações atravessadas pelo ensino como processo investigativo e reflexivo com vistas à formação de profissionais conscientes de seu papel social para construção de práticas transformadoras das relações produtivas e das condições materiais de existência de sujeitos/cidadãos brasileiros.

Conforme Candido (2011), a literatura em sala de aula contribui consideravelmente para formação do aluno/ leitor, porque ela atende a necessidade intelectual do aluno, fazendo com que ele argumente, humanize-se, estimulando-o a desenvolver sua racionalidade, permitindo-o assim, interagir com a sociedade de forma crítica e responsiva, refletindo sobre si e o outro.

Por outro lado, Antunes (2007) reforça que quando alguém é capaz de falar uma língua é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua (além, é claro, de outras de natureza pragmática) na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua.

“Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática” (ANTUNES, 2007, p. 85-86). Para que o ensino de língua portuguesa não se afaste dessa noção, considerando que a língua deve ajudar o sujeito a se comunicar, é imprescindível "representar" ou "reapresentar", na escola, os diversos usos que a língua e a linguagem têm na vida social.

Para dar um efeito de fechamento nessa parte de fundamentação teórica, que mobilizou algumas de tantas outras noções até agora trabalhadas no curso de graduação em Letras e que pretendemos colocar em prática nas ações desenvolvidas no projeto pela relação que se instaura entre Língua e Literatura, trazemos Orlandi (2012, p. 13): “a leitura pode ser um processo



bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente”.

Considerações Finais

Os projetos de extensão universitária são ferramentas importantes no processo de formação docente, uma vez que permite ao graduando em licenciatura associar a teoria com a prática desde o começo do curso, facilitando assim a aprendizagem e proporcionando experiências que trazem para o processo formativo mais qualidade.

Além de contribuir para o processo formativo os projetos de extensão também fortalece a relação entre universidade e sociedade. De acordo com Cabral (2002, p. 08):

A extensão universitária é eixo chave do ensino universitário comprometido com os problemas da sociedade, é um campo especializado de intervenção para a construção do saber. Teoria e prática são elos indissolúveis na produção de conhecimento que podem ser efetivadas pelos alunos fortalecendo a formação universitária e ao mesmo tempo, busca trazer respostas a problemas sociais existentes na sociedade.

O projeto de extensão “Ciclo de Palestras V: Letras e Resistência” encontra-se em andamento até outubro do presente ano, porém é possível afirmar a sua importância tanto para consolidar a prática extensionista no curso, quanto para aproximar a comunidade acadêmica e propiciar a discussão e reflexão acerca de temas pertinentes à área de Letras e Ensino.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch (1951-1953). **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch (1926). **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Tradução da língua inglesa de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza (para fins didáticos). Tradução do original russo para a língua inglesa de I. R. Titunik, Freudism, New York. Academic Press, 1976.

CABRAL, Assunta Maria Fiel. **Relatório de atividades do Sof/Etadj Cível**. Laboratório de Serviço Social. Belém: UNAMA, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.



A VARIAÇÃO LEXICAL NO ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ: UMA ANÁLISE DAS DESIGNAÇÕES PARA “CHUVA”

Daniele Rodighero Martins¹

Sandra Mara da Silva Marques Mendes²

Resumo: Para contribuir com os estudos sobre a variação lexical, este trabalho objetiva verificar, no Atlas Linguístico do Paraná (1994), quais são as designações de chuva que não estão dicionarizadas e buscar mostrar que existem diferenças na fala para se referir a uma mesma realidade. Para alcançar nossos objetivos, adotamos uma metodologia de cunho bibliográfico e qualitativo, tendo como suporte teórico os pressupostos da Sociolinguística, a partir de Coelho et al. (2015), Calvet (2002), dentre outros. Para verificar se elas estão dicionarizadas ou não utilizamos o dicionário de Aurélio (2010), além de recorrermos a autores como Ilari (2012) e Aguilera (1994). Como resultado, encontramos as seguintes variantes lexicais para designar chuva: *chuva fina*, *chuva de molhar bobo*, *chuva calma*, *chuva mansa*, *chuva de verão*, *chuva passageira*, *pancada de chuva*, *manga de chuva*, *chove as manga*, *chuva de janeiro*, *chuva de burcão*, *chuva grossa*, *chuva de granito*, *chuva de pedra*, *chuva-de-flor*, *chuva-de-rosa* e a *chuva-de-milho*

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação lexical; Chuva.

Introdução

Baseando-nos nos estudos da Linguística, em especial os realizados pela Sociolinguística, sabemos que a língua, além de heterogênea, está em constante evolução. Ela é o processo social sujeito a diferentes transformações, ela nos possibilita diferentes formas para expressar os mesmos significados da língua que falamos. Seu uso ocorre por uma comunidade de fala que a utiliza, de acordo com suas necessidades. A língua é, portanto, dinâmica e pode sofrer variação.

Cada variedade é resultado de experiências particular e histórica de um grupo. Desse modo, neste trabalho pretendemos identificar, no Atlas Linguístico do Paraná (1994), as designações para chuva encontradas em 65 cidades do Paraná, com o intuito de verificar a existência de variação lexical nessas cidades. Pensando nos falares como uma prova de que a língua é um sistema mutável, e que a comunicação é o principal elemento, a partir dos falares regionais, é possível muitas vezes distinguir de onde a pessoa é originária, qual sua faixa etária, seu grau de escolaridade por conta dos modos de fala.

Para contribuir com os estudos sobre a variação lexical, nosso objetivo geral é verificar

¹Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, UNICENTRO, danirodighero@yahoo.com.br

² Mestre em Letras - Linguística e Filologia do Português (UNESP), professora colaboradora na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), doutoranda em Letras (UNIOESTE), profesandramendes@gmail.com



no Atlas Linguístico do Paraná – ALPR – (1994) quais são as designações de chuva que não estão dicionarizadas e analisar as motivações para o uso de cada designação para se referir a uma mesma realidade: chuva.

Para alcançar nossos objetivos, contamos com uma metodologia de cunho bibliográfico e qualitativo, tendo como suporte teórico os pressupostos da Sociolinguística, a partir de Coelho et al. (2015), Calvet (2002), dentre outros, e da geolinguística, que nos auxiliaram a verificar e afirmar a existência de variação lexical no estado do Paraná, buscando apresentar suas particularidades, tanto expressivas quanto representativas do povo. Para verificar se elas estão dicionarizadas, utilizamos o dicionário de Aurélio (2010), além de recorrermos a autores como Ilari (2012) e Aguilera (1994).

Em seguida, selecionamos oito cartas do Atlas Linguístico do Paraná (1994), que apresentam designações de chuva, cartas 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 para verificarmos a variação lexical entre todo o estado paranaense em 65 cidades, levando em consideração o que foi exposto teoricamente, como as conceituações de língua, linguagem e variedade linguística.

Desenvolvimento

Na teoria da Sociolinguística Variacionista podemos identificar diferentes formas de variação, como, diacrônica (ocorre através do tempo), diatópica (variação através da dimensão do espaço), diastrática (variação que se encontra quando se comparam diferentes particularidades da população, como idade, gênero, entre outros) e diamésica (associada ao uso de diferentes meios ou veículos).

A Sociolinguística estuda a mudança que a língua pode sofrer, pois isso decorre dos fatores que estão presentes na sociedade, ou seja, no contexto social.

Antes mesmo de tomarmos contato com esses estudos, é preciso nos desfazermos de algumas eventuais noções pré-concebidas. É necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e a mudar. (COELHO et al, 2015, p.11).

Conforme Faraco (2005), ao se estudar o léxico utilizado por um grupo social, é possível detectar influências socioculturais adquiridas durante o seu processo de formação, uma vez que esse nível da língua resulta, de maneira geral, do que a língua recebeu ao longo do tempo.



De acordo com as considerações feitas por Coelho et al (2015, p. 17), “para que duas ou mais formas possam ser chamadas de variantes elas devem estar intercambiáveis no mesmo contexto e devem manter o mesmo significado referencial/representacional”. Como exemplo, no livro os autores citam a palavra peixe para a qual é possível ter duas pronúncias distintas: peixe e peixe. Segundo os autores, independente da pronúncia, o significado se mantém, ou seja, se alguém falar peixe ou peixe se refere ao mesmo animal vertebrado, sendo assim, aqui temos segundo as considerações dele duas variantes de uma variável.

A variedade assim como a variante, conforme diz Coelho et al (2015), se define pela forma como a comunidade dos falantes usa as formas linguísticas de uma língua natural, elas estão ligadas pelas relações sociais e geográficas.

De certo modo, encontramos na língua a variação ocorrendo por questões internas e/ou externas à língua. E é a partir disso que vemos os diferentes tipos de fatores condicionadores. Em relação aos fatores internos, de acordo com Coelho et al. (2015) encontramos: a variação lexical, a variação fonológica, a variação morfossintática, variação morfológica e a variação sintática. Esses condicionadores internos são fatores que regulam a escolha do falante entre uma ou outra variante em caso de variação.

Em relação aos fatores externos, os condicionadores extralinguísticos estão ligados aos tipos de variação regional, variação social, variação estilística, variação na fala e na escrita, sendo assim veremos que esses fatores extralinguísticos são importantes assim como os linguísticos.

Cada região utiliza-se do léxico da língua portuguesa com acepções diferenciadas, devido à influência cultural, histórica e ideológica de cada comunidade, por este motivo, as palavras não podem ser analisadas isoladamente, antes, é preciso considerá-las no seu contexto de uso.

A variação lexical é um fenômeno perceptível e divertido de ser observado, obviamente quando se fala em variação linguística já associamos a variação regional que compõe uma determinada língua, porque o que vem em nossa mente é algo ligado ao nível do léxico. De acordo com Coelho et al (2015) conforme a região as palavras podem ser apresentadas por palavras diferentes, ou seja, podemos encontrar diversas designações para se referir a chuva por exemplo, desse modo, conforme a situação podemos ter usos variados de uma maneira mais formal e informal como vimos na variação estilística.

Muitos estudiosos têm se debruçado sobre os fenômenos de variação dos níveis da



língua (fonético, fonológico, morfológico, sintático e semântico), e como registro da variação linguística, característica das línguas naturais, os estudos geolinguísticos e os atlas linguísticos revelam a atividade linguística de sujeitos, relacionada ao aspecto diatópico, ou seja, “o atlas linguístico de uma comunidade pode, por exemplo, fornecer dados valiosíssimos para o estudo da variação fonológica, ou mesmo lexical” (TARALLO, 1999, p.71).

Há diversos atlas linguísticos, o primeiro a ser publicado foi de Néelson Rossi, no ano de 1964, Atlas prévio dos falares bahianos. Depois do ano de 2002, foram publicados cinco atlas linguísticos, dentre eles o atlas que vamos trabalhar, o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), de Vanderci de Andrade Aguilera (1994). O objetivo do atlas linguístico é “delimitar as variedades regionais de uma língua, localizando suas divisas ao longo das principais isoglossas” (ILARI et al, 2012, p. 169).

O atlas linguístico é montado por meio de questionários e dados coletados pelo pesquisador, não se tratam de informações inventadas, ao realizar a pesquisa para o atlas a intenção é registrar informações daquela região. Como vemos, as variações ocorrem devido a fatores regionais, por exemplo a *chuva de caju* que encontramos no dicionário Aurélio (2010) é uma designação comum às chuvas que caem entre setembro e outubro e favorecem para o caju amadurecer, sendo assim, a chuva de caju pertence à região norte do país, ela não é utilizada no Paraná porque não temos o cultivo dessa fruta. Esse modo de designar chuva é regional, uma vez que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística que tem uma história” (BIEDERMAN, 1987, p. 83).

As designações de chuva em língua portuguesa estão atreladas à intensidade do fenômeno e estão registradas no dicionário Aurélio (2010) os vocábulos: garoa, neblina, chuvisco, chuvisqueiro, chuva de manga, manga d’água, aguaceiro, pedreira, tormenta, tempestade, neve, gelo. No ALPR (1994), há oito cartas que registram as designações, dispostas da seguinte maneira: cartas 19 e 20 *chuva miúda e demorada*, cartas 21, 22 e 23 *chuva passageira*, 24, 25 e 26 *chuva de pedra*.

Na carta 20, Aguilera (1994,) encontramos diversas palavras não dicionarizadas para se referir a *chuva miúda e demorada*, a primeira delas que encontramos é a *chuva fina*, designada assim pelos os informantes por ela ser uma chuva lenta ao cair ou uma chuva calma.

Na mesma carta ainda encontramos a variante lexical *chuva de molhar bobo*, a qual ocorre em cidades do norte e oeste do Paraná. Essa designação ocorre por ser uma chuva que demora cair e quando isso acontece é chamado de chuva de molhar bobo. Como podemos



perceber as pessoas fazem essa associação a bobo porque pensam que a chuva não vai molhar por ser miúda, seria a mesma coisa que a garoa e a neblina.

Nas cartas 21, 22 e 23 encontramos designações para *chuva passageira*, ela costuma dar e passar logo, não persiste por muito tempo. Na carta 21 a *chuva passageira* e a *pancada de chuva* não estão dicionarizadas. Como podemos perceber, essas designações podem estar ligadas a uma tempestade, seria um tempo que surge do nada, pode vir acompanhada de granizo, ventos e trovões e as pessoas chamam de *chuva passageira* por ser um fenômeno que passa rapidamente.

Considerações Finais

Conforme as análises das variantes lexicais registradas no Atlas Linguístico do Paraná e consulta ao dicionário Aurélio, encontramos como resultados das designações para chuva que não são dicionarizadas as variantes *chuva fina*, *chuva de molhar bobo*, *chuva calma*, *chuva mansa*, *chuva de verão*, *chuva passageira*, *pancada de chuva*, *manga de chuva*, *chove as manga*, *chuva de janeiro*, *chuva de burcão*, *chuva grossa*, *chuva de granito*, *chuva de pedra*, *chuva-de-flor*, *chuva-de-rosa* e a *chuva-de-milho*.

Ficou evidente que o paranaense não fala da mesma forma em todas as regiões. As diferentes designações são condicionadas pela percepção que os falantes de uma região têm de tudo que faz parte de seu cotidiano, pelas influências históricas, culturais e religiosas.

Ao desenvolver o trabalho de conclusão de curso ficou claro que podemos encontrar pessoas que designam chuva miúda e demorada, chuva passageira e a chuva-de-pedra por meio de variantes lexicais sem comprometer a realidade designada.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. *In*: ALTINO, F. C. **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012, p. 49-78.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, 1987, PUCRS, v. 22, n. 4. p. 81-96.



CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua portuguesa**/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; Coordenação Maria Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – 5 Ed.- Curitiba: Positivo, 2010.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática. 2002.